



## Psicanálise. Novos desafios, novas práticas.

### Editorial

O criador da psicanálise, Sigmund Freud situou a sua descoberta na cultura, numa relação direta com o seu mal-estar. Ele confrontou a prática clínica do analista com os sintomas da civilização. No entanto, os sintomas variam em momentos particulares da cultura. A contemporaneidade apresenta outros mal-estares. Para onde caminha a psicanálise no novo cenário de crise epocal? Quais são os sintomas mais freqüentes? Como oferecer a cura? Quais

as formas de análises clínicas que surgiram mais recentemente? Como se constrói a subjetividade humana em uma sociedade líquida e fluida, estimulada permanentemente a se configurar com as leis do mercado? O psiquiatra, psicanalista e filósofo argentino, residente na França, Miguel Benasayan, a psicanalista, filósofa e socióloga do núcleo de Subjetividade da PUCSP, Suely Rolnik, o psicanalista francês Roland Chemama, a psicanalista Conceição Beltrão Fleig (os dois últimos membros da Associação Lacaniana Internacional), o psiquiatra e sociólogo argentino Gregório Baremlitt, presidente do Instituto Félix Guattari, de Belo Horizonte, e a psicanalista Anna Carolina Lo Bianco, do PPG em Teoria Psicanalítica da UFRJ, participam desse debate aberto da última edição do **IHU On-Line** do semestre. O boletim retomará suas edições semanais a partir do próximo dia 2 de agosto.

Ainda na presente edição confira informações sobre o próximo Simpósio Internacional, que acontecerá de 16 a 19 de maio de 2005, e terá como tema **Terra habitável: Um desafio para a humanidade**. Para o segundo semestre do ano letivo, você já poder agendar as datas dos principais eventos promovidos pelo IHU, de maneira especial

*aquele que faz memória do cinquentenário da morte de Getúlio Vargas, o Seminário Nacional Era Vargas em Questão previsto para os dias 23 a 25 de agosto.*

*A todos e todas uma boa leitura e um ótimo recesso.*

## **“A SOCIEDADE ESTÁ ATRAVESSADA POR UMA FALTA DE SENTIDO”**

### **Entrevista com Miguel Benasayag**

*Os modelos que apontavam o que era considerado ser feliz hoje estão rompidos. A perda de modelo repercute nas pessoas como perda de sentido. Por outro lado, esse mesmo vazio pode originar uma criatividade vital de formas de vida e formas de fazer política. Com essa opinião Miguel Benasayag aponta para uma situação de crise na contemporaneidade na que despontam alguns sinais de esperança. De origem argentina, Miguel Benasayag, 50, psiquiatra, psicanalista e filósofo, concedeu a entrevista ao **IHU On-Line**, por telefone, de sua residência, em Paris. Aos 25 anos, depois de 5 anos na prisão, na ditadura Argentina, foi para a França onde permanece até hoje. Escreveu mais de 20 livros, entre eles **Utopie et liberte**. Paris: La Découverte, 1986; **Critique du bonheur** (com Edith Charlton). Paris: La Découverte, 1989; **Penser la liberte**. Paris: La Découverte, 1991; **Le pari amoureux** (com Dardo Scavino). Paris: La Découverte, 1995; **Le Mythe de l'individu**. Paris: La Découverte, 1998; **La Fabrication de l'information** (com Florence Aubenas). Paris: La Découverte, 1999; **Du contre-pouvoir** (com Diego Sztulwark). Paris: La Découverte, 2000; **Les passions tristes** (com Gérard Schmit). Paris: La Découverte, 2003; e **La fragilité. Construire une pensée de l'agir**. Paris: La Découverte, 2004.*

#### **IHU On-Line- Como se unem psicanálises, filosofia e política na sua trajetória?**

**Miguel Benasayag-** Minha mãe, de origem judaico-francesa, viajou com seus pais para a Argentina, quando tinha 10 anos. Eu sempre tive dupla nacionalidade. Na época da ditadura, eu militava no Exército Revolucionário do Povo (ERP) e fui preso. No final de 1978, houve muitas campanhas na França e eu me beneficieei disso e me trouxeram da cela para Paris. Eu, nessa época estudei e trabalhei em tudo o que me parecia importante. 1979 foi a época da crise total do ponto de vista ideológico, político, histórico, em que realmente os esquemas referenciais caíam um a um, mas havia um desejo de justiça que, em muitos de nós, também não cedia. Para mim, o eixo central sempre foi, e é, como manter o desafio de um pensamento progressista de esquerda que não evite a complexidade. Todos os livros que escrevi, seja sobre o amor, seja sobre política alternativa, seja sobre epistemologia, tentam abordar a complexidade e o desejo de liberdade.

#### **IHU On-Line- Como está hoje expressado o impulso de sua geração de procurar alternativas para a sociedade?**

**Miguel Benasayag-** A hipótese da emancipação social hegemônica, durante um século e meio, foi a idéia de que era preciso ter um modelo de sociedade, havia que lutar pelo poder e depois se mudavam as coisas. Essa hipótese, histórica e antropologicamente, contava com a primazia da consciência, a capacidade de prever o futuro. Hoje em dia, essas hipóteses são compreensíveis, mas não funcionam mais. Então, a política possui uma complexidade que impede que a sociedade mude o lugar do poder. Entretanto isso exige que pensemos a sociedade e a mudança de outro lugar: o da multiplicidade, das bases, sem a pretensão de que há um lugar central de poder do qual seria possível mudar tudo. Historicamente, comprovamos que o poder era o lugar da impotência total, e no Brasil estão se dando conta aos poucos também. Isso tudo tem um paralelo epistemológico com a idéia da consciência como identidade central do ser humano. O fato de dizer: “eu posso orientar minha vida com pressupostos e

hipóteses conscientes do tipo ‘fumar faz mal, não devo fumar’, ‘usar maconha não está bem para mim’” é o que a psicanálise elabora em torno da pulsão de morte. Para mim, porém, a pulsão de morte é uma metáfora bastante boa, mas evoca o assunto de que toda lógica linear, no social ou no individual, segue a lógica causa-efeito; consciência-ato, e essa lógica está meio condenada.

**IHU On-Line- Consegue superar as aparentes contradições entre o micro e o macromundo?**

**Miguel Benasayag-** Não penso que o individual seja coletivo ou que o coletivo seja individual, acho que há problemáticas epocais que atravessam de maneira diferente os distintos níveis da existência. No meu livro sobre *As paixões tristes*, que é um conceito de Spinoza<sup>1</sup>, depois de 22 anos de clínica em pedopsiquiatria e psicanálise da criança e do adolescente, digo que na crise atual, que se caracteriza, entre outras coisas, por sentir o futuro como uma ameaça, a tristeza toma corpo no corpo de meus pacientes e das pessoas. Temas como a ruptura e a incerteza atravessam nossa época e podem ser tratados em diferentes níveis. Na arte, há um problema com respeito à representação, em música, em sociologia, em economia, logo uma época está fundada em uma combinação de problemas que vão desde o individual até o mais geral.

**IHU On-Line- Que conseqüências traz o fato de viver uma época sem modelos, seja no plano pessoal em seus pacientes, seja no plano político, nas novas formas de fazer política? Isso tem a ver também com uma redescoberta por parte da psicanálise da função fraterna?**

**Miguel Benasayag-** Nós vemos em nossos consultórios esta queda de ideais clássicas do tipo: “eu vou fundar uma família, vou prever um pouco meu futuro...” Há algo do laço social, da estrutura familiar, do modelo do que é ser feliz, que hoje está rompido. O futuro, há 20 ou 30 anos, era uma esperança. Vivemos uma época em que o futuro é uma ameaça. Desse ponto de vista, essa perda de modelo repercute nas pessoas como perda de sentido, até o ponto de me perguntar para que levanto no início do dia. Isso é muito disperso em relação ao laço e aos projetos pessoais, porque todos os modelos dominantes que “ensinavam” a viver estão rompidos. E eles estão rompidos não em favor de um modelo político superável como David Cooper<sup>2</sup> ou Maud Mannoni<sup>3</sup> podiam pensá-lo, estão rompidos por uma espécie de tristeza e uma serialização individualista. Em política, temos passado por três períodos, desde 1980. Um primeiro em que por não haver modelos ninguém podia se mexer, um segundo período em que as pessoas se movimentavam apesar de não ter modelos e hoje em dia movimentos como os

<sup>1</sup> Baruch Spinoza, filósofo holandês (1632-1677), divide os humanos de acordo com suas paixões, com suas emoções, pois é nas emoções que se encontra a união entre corpo e alma, sem supremacia de uma sobre a outra. As pessoas dominadas pela alegria têm paixões alegres, como o amor e o desejo. São pessoas livres. A alegria produzida pela união perfeita entre corpo e alma, não a euforia que seria uma alegria baseada no imediato, tem a capacidade de nos fazer livres. As pessoas dominadas pela tristeza têm paixões tristes. O esforço ético, para Spinoza, consiste em transformar as paixões tristes em paixões alegres. Mas, não lutamos contra as paixões tristes com a Razão, mas o fazemos com a força das paixões alegres com as quais transformamos a Razão em uma razão apaixonada, isto é, em ação. (Nota do **IHU On-Line**)

<sup>2</sup> David Cooper (1931-1986), médico e psiquiatra, nasceu na Cidade de El Cabo, Sudáfrica. Atuou na Inglaterra. Representante da corrente antipsiquiátrica, denunciou a psiquiatria oficial, que considerava submetida às necessidades da sociedade. (Nota do **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> Psicanalista francesa (1923- 1998), aluna de Lacan, Dolto e Winnicott, fundadora, em 1969, da Escola Experimental de Bonneuil Sur Marne e em 1994, da Associação de Formação Psicanalítica e de Investigação Freudiana "Espaço analítico". (Nota do **IHU On-Line**)

Zapatistas em Chiapas, Piqueteiros, na Argentina, aqui na Europa os “sem” sem documentos, sem teto, sem trabalho, são movimentos minoritários, no sentido de minorias de Deleuze<sup>4</sup>, que justamente são potentes graças ao fato de não ter um modelo. Ou seja, há uma espécie de hipoteca que se levanta com respeito à promessa que faz possíveis práticas no presente. Estamos atravessando uma crise muito complicada, isso não preciso dizê-lo. Ninguém sabe para onde vamos. Mas, há um elemento positivo, seguramente, que é o fato de que os que de minha geração temos sobrevivido, dos anos 1970, que é de, pela primeira vez, viver numa sociedade onde o presente quer dizer algo, e não somente o caráter transitivo do presente é o passo para um futuro, para a promessa. Desse ponto de vista, o momento em que vivemos é emancipador, mesmo que seja terrível, mas o lado emancipador é que o presente aparece como uma síntese do passado, do futuro e do presente. Esse presente um pouco mais amplo, mais profundo, é emancipador mesmo se essa emancipação seja dolorosa.

***IHU On-Line- Quais as práticas da psicanálise que acha na atualidade mais interessantes?***

**Miguel Benasayag-** Não poderia dizer, porque me parece que o que há de interessante está além das escolas ou dos dogmas ou das filiações das pessoas. Parece-me que tem a ver com a capacidade de certos colegas de ter a coragem de ver a crise, de poder articulá-la com sua vida, com os pacientes. Acho que Maud Mannoni – eu pertencço à escola fundada por ele - sem dogmatismo, me parece interessante o fato de pensar a teoria como ficção. Ficção não quer dizer que não seja verdade, mas se opõe ao realismo. Nesse sentido, vejo por todos lados, e em nenhum lugar em particular, coragem. Eu trabalho muito com antropologia e medicina, nessa articulação com respeito ao normal, ao não-normal, ao patológico, ao poder médico, à prescrição. Hoje em dia, a questão passa mais por um eixo médico geral que puramente analítico. Mas eu estou muito interessado nos trabalhos de Varela<sup>5</sup> e da nova epistemologia, que, sem ser um dogma, são muito interessantes em relação à nova fenomenologia da percepção.

***IHU On-Line- Quais são as diferenças entre a França e a Argentina, na procura da psicanálise?***

**Miguel Bensayag-** Uma grande diferença é que aqui na França, a psicanálise não é uma moda. Na Argentina, tudo é atravessado pela psicanálise. Na Argentina, é impossível que um geógrafo ou um historiador não conheça a psicanálise. Na França, é até mal visto que um geógrafo ou historiador conheça a psicanálise, porque cada um tem que estar no seu terreno. Apesar do desenvolvimento que a psicanálise teve na época de Lacan e das grandes brigas das escolas, sempre ficou como em uma posição não hegemônica em relação ao trabalho intelectual. Isso repercute hoje na visão clínica da psicanálise. Na França, as pessoas vão ao psicanalista quando estão mal. Na Argentina, vão ao psicanalista quando respiram. Há demanda da psiquiatria. Uma espécie de sofrimento faz com que, na França, haja milhões de pessoas medicadas com ansiolíticos, com prosac, e um enorme crescimento do alcoolismo.

---

<sup>4</sup> Para Deleuze, aos grupos minoritários, como devir da idéia de fluxo de mudança que permeia um grupo, cabe o papel de portadores de novas proposições de defesa do social. Uma estrutura social capaz de, definitivamente, abarcar a multiplicidade e a convivência. (Nota do *IHU On-Line*)

<sup>5</sup> Francisco Varela (1946-2001) - Biólogo e filósofo espanhol, conheceu a fenomenologia europeia e começou a leitura de Husserl, Heidegger e Merleau Ponty. Com a colaboração de Felix Schwartzman, Varela descobriu a natureza social da ciência. Sua adesão à filosofia budista o levou a estudar a relação entre o pensamento oriental e os métodos científicos do Ocidente. Investigou os fundamentos biológicos da consciência. (Nota do *IHU On-Line*)

Então há um sofrimento psicológico, que é massivo e que invade os consultórios “psi”, deixando um espaço muito reduzido à psicopatologia normal, que nós aprendemos na faculdade. Na Argentina, acho que as ciências “psi” continuam sendo quase como uma ideologia dominante. Há uma grande diferença do lugar que elas ocupam na vida das pessoas na Argentina e na França. Aqui a polícia, os juízes chamam os “psi”, a educação nacional não faz nada sem os “psi”. Isso é novo, porque os sofrimentos dessa época não são psicopatológicos, mesmo se tenham uma expressão psicopatológica.

**IHU On-Line- As recentes eleições ao Parlamento Europeu mostraram uma espécie de apatia dos europeus. Como você analisa isso?**

**Miguel Benasayag-** O que é evidente é que as pessoas aqui estão muito decepcionadas com a política clássica, e isso se deve ao fato de que há algo que tem separado enormemente o mundo político clássico dos problemas e preocupações das pessoas. Então, elas, tanto na eleição anterior quanto agora, votaram na esquerda, porém é um voto triste, porque é um voto contra a direita, mas sem esperança. Nesse sentido, há algo que está se “descosturando” da unidade ou dialética que teria que haver entre os representantes e o povo que vota. Há um problema que se expressa em cada eleição. A mais grave foi a de 21/04/2001, quando o fascista Le Pain chegou ao segundo turno. Era evidente que não tinha possibilidades de ganhar quantitativamente. Mas, que, na França, a disputa eleitoral fosse entre Chirac, que é direita dura, e Le Pen que é abertamente fascista... Entretanto, isso não suscitou uma reação de adesão aos partidos políticos de esquerda. Simplesmente, foi um ponto culminante que fez com que algumas pessoas fossem votar, mas não durou. O que constatamos, nestas últimas eleições, é que, mesmo ir votar para evitar Le Pen, nem sequer isso durou. Falta um impulso, uma articulação que faça com que as pessoas sintam que quando vão votar, não vão simplesmente fazer algo que não serve para nada.

**IHU On-Line- É mais um terreno que é perpassado por uma falta de sentido?**

**Miguel Benasayag-** Tudo está perpassado por uma grande falta de sentido. As pessoas não são autistas, então, há um problema, que você e eu compreendemos de certa maneira, que é todo o discurso sobre o avanço técnico, o genoma, as capacidades atuais da economia desses níveis de existência e o fato de as pessoas se sentirem absolutamente espectadoras e passivas. Há algo do mundo que está afastado da vida das pessoas. Elas vivem em uma espécie de divórcio com sua vida. Você fica sabendo se vai pegar alguma doença pela poluição ambiental ou se está desempregado pela televisão. A complexidade, nesse sentido, é puramente negativa para as pessoas. Há um déficit total de sentido, de lugares onde as perguntas se fazem, e as pessoas reagem de uma maneira compreensível no sentido de saber que as eleições não são nem o momento nem o lugar em que essas questões fundamentais vão ser tratadas. Mas, nem eles nem eu sabemos qual é o lugar.

**IHU On-Line- Que sinais de esperança identifica dentro desses sintomas contemporâneos?**

**Miguel Benasayag-** Esperança, no sentido de que as experiências que estão emergindo, na nossa época, de maneira *underground*, no intensivo, são muito interessantes. Mas, no extensivo, no que atinge a maior parte das pessoas, estamos num período escuro. Quando estamos em um período escuro, podemos, ou desejar estar fora dele, ficando uma espécie de impotência, ou assumir o período escuro, vendo as coisas interessantes que estão se passando, mas também tendo a coragem da paciência e não querer ir mais rápido do que o processo atual permite. Pelo meu trabalho aqui na França, me perguntam muito: “mas você o

que acha que devemos fazer ou não fazer?” Eu acho que não devemos responder a nada disso, porque estamos em um período que, em vez de prometer coisas que não sabemos, temos que desenvolver todas as experiências que existem social, terapêutica ou cientificamente.

## A PSICANÁLISE PERDEU SUA DIMENSÃO PÚBLICA

### Entrevista com Suely Rolnik

*Na interface entre clínica, arte e política, Suely Rolnik, amiga e companheira de trabalho de Lygia Clark, Gilles Deleuze e Félix Guattari, que considera seus grandes mestres, trabalha atualmente com um movimento coletivo de artistas que fazem práticas artísticas e intervenções na vida pública. A pesquisadora que atualmente está coordenando, em parceria com a França, um projeto sobre Lygia Clark, recuperando a memória das fases experimentais da artista plástica e a construção da memória daquela época na França e no Brasil, afirma que a psicanálise perdeu grande parte de sua função pública. Coordenadora do Núcleo de Estudos da Subjetividade, da PUC-SP, Suely Rolnik trabalha em consultório há 30 anos. Graduada em Filosofia, Ciências Sociais e Psicologia, mestre em Maîtrise à Quatre Certificats de Psychologie. Université de Paris VII, U.P. VII, Paris, França e em Psicologia Clínica pela USP, é doutora em Psicologia (Psicologia Social) pela PUC-SP, com a tese intitulada **Cartografia Sentimental da América - A produção do desejo na era da cultura industrial**. Autora de diversos livros, entre os quais citamos: **Inconsciente Antropofágico. Ensaio sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2004; **Cartografia Sentimental. Transformações contemporâneas do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2003. **Corpo Vibrátil. Arte, Política e Subjetividade**. São Paulo: Iluminuras, 2003 e, junto com Félix Guattari, **Micropolítica. Cartografia do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2003.*

*Rolnik concedeu a seguinte entrevista ao **IHU On-Line**, por telefone, de sua residência em São Paulo.*

#### **IHU On-Line - Que novas práticas têm surgido na psicanálise e quais das mais antigas devem mudar?**

**Suely Rolnik**- Atualmente, incluiria a psicanálise não como parâmetro central, e sim dentro de um movimento maior de elaboração no campo das análises clínicas. O mais importante da psicanálise que precisa ser preservado é a própria postura original de Freud, que consistiu em levar a sério os sintomas de uma civilização. No final do século XIX, foi a crise do sujeito moderno, que se manifestou convulsivamente no corpo das mulheres por meio da histeria, e Freud levou essa convulsão a sério como sintoma de uma civilização. Sintoma no sentido de como a civilização apresenta seus conflitos no mundo da subjetividade. A história da psicanálise e a visão psicanalítica perderam essa dimensão e voltaram para uma idéia de subjetividade muito centrada no indivíduo, perdendo completamente a dimensão histórica e política da clínica. Isso tem que ser resgatado e levado adiante por outras tendências fora da psicanálise, que vem com uma formação psicanalítica, mas que forma com a filosofia contemporânea para entender a contemporaneidade e poder entender os sintomas da civilização do neoliberalismo que são muito específicos. O neoliberalismo do ponto de vista psicológico é uma patologia muito grave e perversa.

#### **IHU On-Line- Quais são esses sintomas?**

**Suely Rolnik**- Pânico, depressões inespecíficas, estresse, bulimia, anorexia, etc. São sintomas próprios da vivência de uma relação perversa, que a subjetividade tem com os mundos veiculados pelo capital. A posição do consumidor típico é de escravo do senhor perverso. Dentro e fora da psicanálise há quem se preocupa em compreender os sintomas da contemporaneidade. Autores como Deleuze, Guattari Foucault e mesmo Toni Negri, são

fundamentais para entender a sociedade atual. Se começamos a entender os sintomas atuais só como disfunção psíquica, fazemos o mesmo que os psiquiatras que entendem tudo como disfunção orgânica.

**IHU On-Line- Quais são os principais desafios para a construção da subjetividade, em uma sociedade global que tem o mercado como centro e como a psicanálise pode ajudar nesse contexto?**

**Suely Rolnik-** A clínica tem uma responsabilidade social e política fundamental em qualquer contexto, porque qualquer tipo de regime social, econômico, político, só existe através de um certo modo de funcionamento da subjetividade, então intervir no campo da subjetividade clinicamente, tem uma importância na vida pública fundamental. E não adianta nada você resolver as questões do ponto de vista econômico e social, se você não muda o modo como a subjetividade é estruturada naquele regime.

**IHU On-Line- De que forma acontece essa perversão da subjetividade no regime atual?**

**Suely Rolnik-** Através das campanhas publicitárias veiculadas pela mídia, por exemplo. A publicidade vai circular no ar uma série de mundos completamente idealizados, enganosos por natureza. Ela veicula uma promessa de um paraíso terrestre onde não haveria turbulências, nem conflitos, não haveria paradoxos e não haveria angústia. As pessoas vão ser vizinhas, em família, consumindo seus produtos, e as campanhas publicitárias só se tornam realidade, quando o consumidor realiza aquele universo na existência dele. Então o consumidor é, ao mesmo tempo, produtor desse mundo. A subjetividade é totalmente dissociada daquilo que leva a criar e agir na vida individual e social que é exatamente as turbulências e as crises pelas que passamos, por conta das mudanças que vamos vivendo o que implica estar recriando as formas de viver. Na medida em que as subjetividades, ao mesmo tempo são lançadas nessas vivências de crise, de paradoxo, porque as referências se tornam obsoletas o tempo inteiro, estimuladas pelo mercado, essa pessoa é totalmente dissociada ou alienada daquilo que a coloca em crise, produzindo angústia e ela precisaria ter sensibilidade para poder entender de onde está vindo, para propor formas de existência individual e coletiva que dessem conta do conflito que ela está vivendo.

**IHU On-Line- Como é a relação entre mercado, subjetividade e os sintomas contemporâneos já mencionados?**

**Suely Rolnik-** A depressão, por exemplo, tem a ver com um profundo sentimento de exclusão permanente, que toda a população vive, inclusive a classe média, porque de todos os mundos idealizados do capital, todos se sentem permanentemente excluídos. Isso gera muita angústia e melancolia. O pânico tem a ver com os excessos de invasão e assédio que cada um vai vivendo e sendo convocado a remapear durante sua existência. O estresse tem a ver com essa energia, essa necessidade de criar e reagir ultramobilizada e ao mesmo tempo dissociada da vida e voltada exclusivamente para produzir capital. Então, a figura típica do estresse, a publicidade, põe todas suas energias de criação e ação para produzir os mundos da publicidade. Chega um momento em que a energia da pessoa entra em curto-circuito como a das galinhas que a gente cria em granja *high-tech* onde se elimina a noite e o dia, porque se ilumina sem parar, para que haja a sensação de ser o tempo todo dia, e a galinha fica botando ovo sem parar e morre de tanto botar ovo. Há quem use cocaína para poder ficar mais veloz, ainda. A indústria farmacêutica e o narcotráfico contribuem para isso, até que o indivíduo entre em parafuso. Nas teorias clássicas sobre estresse, chamam isso de *burn out* da energia vital da pessoa, porque a energia vital está totalmente desvinculada de sua vida.

**IHU On-Line- Como se subverte esse quadro?**

**Suely Rolnik-** A psicanálise é portadora de um dispositivo muito interessante, desde que seja utilizado, que é o da transferência, porque o que cura na psicanálise é fundamentalmente o fato de você fazer uma experiência com outro, o analista, e que a relação vai sendo construída a partir do mergulho nas sensações do que se está vivendo e não a partir de representações prévias da realidade. Esse mergulho nas sensações, do mal-estar, do conflito, do que você não tolera mais, permite que você possa sair da alienação e da dissociação e combater os sintomas. A clínica tem um papel fundamental, porque ela é uma espécie de processo de iniciação a um outro tipo de relação com o outro. Na subjetividade contemporânea do capitalismo, a pessoa está totalmente dissociada do outro, porque o outro é apenas uma imagem, assim como você é uma imagem e está dissociado da existência vital, de como o outro chega, com sensações que produzem crises, porque você tem que estar se reorganizando em função da presença do outro. Na atualidade somos dissociados da sensação que é o que nos permite a experiência viva do outro que chega. Muitos moramos em uma cidade enlouquecida e contemporânea como São Paulo, sem ter a menor noção, por exemplo, que 80% da cidade vive em condições de submoradia.

**IHU On-Line - O que, na cultura brasileira, facilitaria para viver a própria subjetividade numa sociedade global?**

**Suely Rolnik** –O que eu acho de interessante na cultura brasileira é que somos portadores de uma flexibilidade, porque há 500 anos misturamos uma série de culturas, que vai se hibridizando em nós. Mas isso não garante nada, porque nos faz, ao mesmo tempo, excelentes escravos do capitalismo sem nenhuma visão crítica, como se fôssemos um bando de sonâmbulos pelo mundo, mas, ao mesmo tempo, nos dá também uma espécie de liberdade e de flexibilidade, que, quando conseguimos sair da perversão e entrar em contato com a realidade viva e começar a criar de uma experiência viva da realidade, temos um jogo de cintura, uma flexibilidade muito interessante. E o europeu, que já está muito mais prisioneiro da idéia do princípio de identidade, tem menos jogo de cintura para viver essa liberdade. Mas eu insisto que isso nos coloca, ao mesmo tempo, como os seres mais alienados do Planeta ou como os seres mais criativos e ativos do Planeta. A clínica tem um papel fundamental de estar intervindo na vida pública através da subjetividade de cada um, para arrancar a gente da alienação.

**IHU On-Line - Nesse contexto de mundos idealizados, acha que a eleição de Lula responde a uma necessidade de mudar os referenciais?**

**Suely Rolnik** – Houve uma expectativa muito grande, porque o fato de Lula ter sido eleito, significa que alguma coisa dessas imagens fixas e congeladas se moveram; porque se o País vota em um operário, nordestino e pobre é porque algo dessa tradição colonialista e capitalista estaria se movendo. Tem alguma coisa que rompeu e que eu espero que seja irreversível. E aí a clínica tem muito a fazer para que isso seja irreversível de fato. Eu tenho muita esperança nisso. Só que não sou ingênua. Eu sei em que tipo de mundo estamos e que tipo de guerra vivemos. E é algo difficilimo, o Estado nacional hoje, defender os interesses do País nessa interface com o capitalismo internacional. Há muito poucas maneiras possíveis de jogar, porque o poder do capitalismo internacional é gigantesco.

**IHU On-Line - Qual foi o mais importante legado de Felix Guattari?**



**Suely Rolnik** – Felix Guattari foi um psicanalista que tinha uma visão social e política muito aguçada. Desde o início da prática dele como clínico, sempre soube que os sintomas são de uma civilização, como era para Freud, e a partir do momento que ele encontrou Deleuze pôde construir filosoficamente essa visão. A obra de Deleuze, sobretudo pela contribuição de Guattari, se tornou a obra que trouxe a psicanálise de volta para a vida pública e para a política e, além disso, que construiu uma teoria sobre a subjetividade do capitalismo absolutamente eficaz e clara para poder estar pensando clinicamente o mundo que estamos vivendo. É uma obra que ainda não rendeu tudo o que podia render. Uma obra grandiosa da segunda metade do século XX para a clínica, porque produz, com clareza, uma teoria para dar conta da subjetividade contemporânea e os sintomas dessa subjetividade. É uma referência absolutamente fundamental junto com Foucault, que também trouxe uma grande contribuição para isso. Mas a presença do Guattari é fundamental, porque ele é o único psicanalista dos três que ficou trabalhando a vida inteira essa questão do ponto de vista da subjetividade da clínica.

**IHU On-Line - De um ponto de vista pessoal, a partir de todo o trabalho em conjunto, o que mais lhe ficou dessa convivência? Como ele via o Brasil?**

**Suely Rolnik** – Eu cheguei à França, do exílio, porque fui presa em São Paulo, em 1970, aos 21 anos. Comecei a freqüentar os cursos do Deleuze e me curei, porque tinha saído totalmente fragilizada da ditadura militar. Imediatamente conheci Guattari, me tornei muito amiga dele. Passei a década de 1970 inteira participando da Fundação da Rede Internacional de Alternativas à Psiquiatria, que foi um movimento importante na Europa inteira, participei de toda a Revolução Psiquiátrica Francesa. Depois que voltei para o Brasil, Guattari esteve aqui 7 vezes nos últimos 14 anos da vida dele. Nós publicamos aquele livro juntos<sup>6</sup>, em um momento em que estava se redemocratizando o País, e o PT estava nascendo. Passamos muito tempo discutindo com todos os grupos, e o nosso livro é testemunho desse momento, porque Guattari, não por acaso, foi totalmente envolvido e comprometido com os movimentos sociais do mundo inteiro. Quando o Brasil começou a se redemocratizar, Guattari vinha aqui e ficava mais de um mês, trabalhando dia e noite, conversando com movimentos e grupos, porque ele percebia ali, a formação de algo novo, de alguma resposta interessante para a situação que estávamos vivendo. Minha relação com ele e Deleuze começou no início de 1970 e foi até a morte dos dois. Eu convivi com eles e com todos os que os cercavam durante 10 anos. Foi uma referência fundamental que marcou minha vida, junto com a Lygia Clark, que também vivia em Paris nessa época, foram pessoas que marcaram minha vida para sempre. Todo meu trabalho, desde aquela época até hoje, é totalmente alimentado pelo que aprendi com eles. Está sendo republicado meu livro com Guattari, mas é uma edição revisada e ampliada com 81 notas novas de rodapé. O livro está saindo nos Estados Unidos, na França, na Espanha e na Argentina. Nessas notas de rodapé, eu explico todas as referências que o livro faz aos movimentos dos anos 1970-1980, para virar um documento histórico mais completo. Em português, vai sair a 7ª edição revisada, pela Vozes, porque o livro está esgotado.

**IHU On-Line- Há atualmente grandes tensões entre diversas correntes clínicas?**

**Suely Rolnik**- Sim, evidente que há tensão, porque tudo são campos de forças. A psicanálise não é uma só, são várias. As linhas da psicanálise que são mais tomadas pelo sintoma contemporâneo, em vez de problematizar esses sintomas, se sentem muito ameaçadas e vão fazer de tudo para desqualificar e destruir as linhas de trabalho dentro da própria psicanálise,

---

<sup>6</sup> *Micropolítica. Cartografia do desejo. Petrópolis: Vozes, 1993. (Nota do IHU On-Line)*

mas não só, tentam problematizar a situação contemporânea. Não são neutras essas posições. A psicanálise perdeu muito a relação com a vida pública e a compreensão dos sintomas como sintomas de uma civilização. Em todas as correntes inglesa ou francesa, mais ou menos Lacanianas, etc., vamos encontrar psicanalistas que tenham essa noção e que buscam completar a formação deles pelo estudo da cultura e da filosofia e outros, que têm uma visão de família como referência de saúde mental. É um campo de forças. O dissenso faz parte da vida pública, o consenso é patológico. Política é polêmica, um confronto de posições que não são meras posições teóricas, são posições de vida. Modos de viver, formas de nos relacionar com o mundo.

## RELACIONAR O DISCURSO DO PACIENTE COM OS DISCURSOS SOCIAIS

### Entrevista com Roland Chemama

*Cada palavra pronunciada transita sobre um fundo cultural, e nele intervém. Por isso o analista deve ter condições de relacionar o discurso do paciente com os vários discursos sociais. Se ele não for suficientemente culto, relativamente imune ao esfacelamento dos saberes e fechar-se nos limites de uma disciplina universitária, não conseguirá desvelar as questões que afloram, nem poderá oferecer a cura, a possibilidade do paciente tornar-se menos dependente e menos submisso ao Outro, a partir do qual ele se define. Dessa forma o psicanalista francês Roland Chemama aborda alguns dos desafios contemporâneos da psicanálise, em entrevista por e-mail ao **IHU On-Line**. Roland Chemama, integra, desde sua fundação, a Association Freudienne Internationale, que a partir de 2001 passou a chamar-se Association Lacanienne Internationale. O professor também foi membro da École Freudienne de Paris, fundada por Jacques Lacan, até sua dissolução. Coordenou a redação do **Dictionnaire de la psychanalyse** (Larousse, 1993 e 1998. Publicado no Brasil sob o título **Dicionário de Psicanálise**; tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995) e, desde 1992, vem desenvolvendo seu trabalho junto a psicanalistas e suas instituições no Brasil. É autor também de **La psychanalyse, textes essentiels** (Larousse 1993), e **Eléments lacaniens pour une psychanalyse au quotidien** (Éditions de l'Association freudienne internationale, 1994, também publicado em português com o título **Elementos lacanianos para uma psicanálise no cotidiano**. Porto Alegre: CMC Editora, 2003). Roland Chemama foi entrevistado por **IHU On-Line** na edição n.º 41, de 4 de novembro de 2002, por ocasião de sua vinda à Unisinos, quando ministrou a palestra **O discurso da ciência e as novas formas de expressão religiosa**.*

#### **IHU On-Line- Quais os desafios mais importantes da psicanálise hoje?**

**Roland Chemama-** O indivíduo contemporâneo é, sem dúvida, bastante diferente daquele que Freud pôde conhecer. No início do século vinte, a cultura continuava marcada por cuidados de ordem, de limitação dos desejos, e, individualmente, isso significava um excesso de recalque que podia parecer patogênico. O que é recalcado, para Freud, retorna com sintoma disfarçado, e a tarefa da cura é levantar o recalque. Hoje essa dimensão subsiste, porém muito atenuada. O que assume a posição de destaque não é o recalque do desejo, é antes um imperativo de usufruir. Também se pode dizer que o indivíduo, em nossos dias, se confronta com a prescrição de tudo dizer, de ser transparente, de tornar público o que, ainda ontem, era julgado inconveniente. Desde então, ele não pode mais recalcar de fato o que ele, no entanto, muitas vezes rejeita. Donde seu recurso a uma posição de cisão, que mantém, ao mesmo tempo, a recusa de certas representações e sua afirmação, como se esses conteúdos contraditórios pudessem coexistir, sem, no entanto, se influenciarem reciprocamente. A partir disso, concebe-se que o desafio que se propõe atualmente à análise é duplo. No plano teórico, trata-se de trabalhar os conceitos mais pertinentes relacionados com essa nova situação. O conceito de

cisão, que Freud introduz a propósito do fetichismo, é um deles. E, no plano prático, trata-se de imaginar qual a direção da cura que pode convir nessa nova situação.

***IHU On-Line- A psicanálise busca a cura da pessoa. Mas, qual o conceito de cura?***

**Roland Chemama-** O indivíduo, para os psicanalistas, se define a partir do Outro, isto é, a partir daquilo pelo qual ele é inconscientemente determinado. Este Outro é, em primeiro lugar, a ordem da linguagem em geral, mas também, mais precisamente, aquilo a que o indivíduo está submetido. Uma psicanálise tem por objetivo tornar o indivíduo um pouco menos dependente, evitando que ele sacrifique tudo ao Outro.

***IHU On-Line- Quais os principais sofrimentos dos que atualmente procuram a análise? De que outros parceiros a análise pode valer-se para buscar a cura?***

**Roland Chemama-** Esta questão tem ligação com a primeira. Na situação em que descrevi o indivíduo, ou seja, conformar-se ao que parece ser esperado dele e buscar um gozo sem limite, o que o aproxima da posição perversa; ou seja, reprimir-se e abandonar todo desejo, o que o conduz à depressão. Os indivíduos que crêem saber qual é o objeto de sua satisfação, em geral não vêm para a análise. Mas, às vezes, eles o fazem e é importante não recusar recebê-los, sob pretexto que a cura com eles é particularmente difícil. Os casos de depressão são, de fato, cada vez mais numerosos. É claro, além disso, que em certos casos, um trabalho analítico não pode ser feito com um indivíduo totalmente paralisado pela depressão. Em casos desse gênero, a intervenção pontual de um psiquiatra, que prescreve antidepressivos de maneira limitada, é por vezes necessária. Mas, é importante, nesse caso, que o tipo de recurso a medicamentos seja concebido como simples meio de tornar possível o trabalho analítico.

***IHU On-Line- Que escolas ou correntes psicanalíticas atuam mais fortemente na França e na Europa?***

**Roland Chemama-** Na França, mesmo os psicanalistas que pertencem às escolas tradicionais (do I.P.A.) são hoje levados a ler e estudar Lacan. Conheço menos a situação no conjunto da Europa, mas segundo o testemunho de diversos colegas, parece que aí vale o mesmo.

***IHU On-Line- Que elementos o senhor considera indispensáveis na psicanálise e que elementos são indispensáveis na formação de um psicanalista?***

**Roland Chemama-** A psicanálise consiste em entender o discurso mais singular, o do inconsciente e, ao mesmo tempo, entendê-lo em sua relação com as determinações mais universais, pois cada palavra verídica intervém sobre um fundo cultural, que a análise deve sempre levar em consideração. Sob este ângulo, o analista deve ser um letrado, conhecedor, como o queria Freud, tanto da história universal quanto da história das religiões ou da literatura internacional. Ele não saberá entender o que lhe diz o seu paciente (“o analisando”) se ele for incapaz de relacionar o seu discurso com os diversos discursos sociais sobre os quais ele se destaca. Ele não saberá responder, se sua formação está fechada nos limites de uma disciplina universitária, com maior razão em nossa época, de crescente esfacelamento dos saberes. Na França, há atualmente um grande debate sobre a necessidade, ou não, de controlar o exercício da psicanálise. No que me diz respeito, sou muito crítico contra toda “avaliação” feita por outras pessoas, e não por analistas.

## LACAN E O OUTRO

### Entrevista com Conceição Beltrão Fleig

"A tendência é transformar a palavra individualidade em um palavrão, como algo indesejável", opina a psicanalista Conceição Beltrão Fleig. Ela diz isso a propósito da contribuição da psicanálise para ajudar os sujeitos a viverem suas individualidades ao mesmo tempo que constroem uma sociedade. Desse modo, talvez seja possível unir o sujeito ao enunciado, divisão que se manifesta, por exemplo, quanto ao mercado, na dificuldade de encontrar "alguém" do outro lado do balcão e dele receber respostas educadas, em bom português. "Ali não há sujeito, não há outro, apenas um enunciado", observa. Ela lembra que é fundamental o reconhecimento, pelos indivíduos, de um campo simbólico pré-existente ao relacionamento entre eles, permitindo que o outro seja compreendido como uma referência, e não como um espelho. Isso lhes asseguraria a singularidade necessária para enfrentar os efeitos da sociedade de massa e estabelecer a convivência necessária para "amar e trabalhar" que, na definição de Freud, podem viabilizar uma vida saudável. Conceição Beltrão Fleig é analista membro da Associação Lacaniana Internacional, com sede em Paris. Atualmente trabalha como psicanalista em consultório. A professora tem um artigo publicado no livro **Imigração e Fundações**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000, do qual é uma das organizadoras. Além da formação permanente em Psicanálise pela Associação Lacaniana, Conceição Beltrão Fleig é especialista em Psicologia Clínica pelo Conselho Regional de Psicologia (CRP). Ela foi também coordenadora da Clínica de Psicologia da Unijuí. A entrevista foi concedida por e-mail.

#### **IHU On-Line - Quem e por que pode e quer procurar hoje o divã psicanalítico?**

**Conceição Fleig** - O início de uma análise ocorre em função da repetição dos sintomas, das inibições e da angústia. A procura do psicanalista, cuja escolha pode ter sido feita bem antes, se dá justamente quando este transbordamento dos mecanismos psíquicos nos órgãos de choque no corpo, na motilidade ou nos processos do pensamento torna insuportável o andamento do dia-a-dia ou a relação com o próprio corpo, colocando em risco os projetos ou até mesmo a vida. Quando, em 1886, Freud fez seu estágio em Paris com Charcot, se inclinava para o estudo da anatomopatologia, mas seu interesse foi capturado pelos sintomas histéricos, portanto, o processo de construção da psicanálise se deu nesta borda, ou seja, a partir de uma patologia que escapava a qualquer apreensão diagnóstica pelo orgânico e que, pelo avanço científico da época, também não podia mais ser considerada como possessão, mas que incidia no corpo, como, por exemplo, as anorexias, as afasias, as contraturas ou as paralisias, conforme os quadros clínicos descritos neste período. Retomei os primórdios da psicanálise para situar seu campo de trabalho. Atualmente foram dados outros nomes para as mesmas patologias isoladas por Freud. A histeria de angústia é chamada de síndrome de pânico, a neurose obsessiva é chamada de TOC, e assim por diante.

#### **IHU On-Line - Qual é a contribuição de Lacan para a compreensão do "outro" e qual é a atualidade de seu pensamento em uma sociedade de mercado global como a que vivemos?**

**Conceição Fleig** - Como a pergunta diz respeito a Lacan, então, de saída, é necessário lembrar que ele propõe uma diferenciação entre o outro e o Outro e, por esta convenção de escrita, distingue respectivamente o outro como uma primeira dimensão de alteridade, o semelhante, como o parceiro de nosso cotidiano cuja relação com cada um de nós, tanto do lado dele como do nosso, é determinada por uma ordem radicalmente anterior e exterior a nós mesmos (Outro). Podemos localizar esta diferença pela importância dos ritos nas culturas, nos quais as passagens e as relações entre as pessoas, entre eu e outro, são referidas a uma instância terceira, uma lei que, via de regra, é sagrada frente a outras pessoas que dão seu

testemunho. Mas o reconhecimento de que tenho alguém, de que ele é um outro e não um espelho de mim mesmo, só se dá se eu puder ter entre nós dois esta referência a um campo simbólico que pré-existe a nós. E isso precisa vir pelos nossos pais, caso contrário quem está a meu lado pode ser apenas um monte de carne ou ser tomado por mim como uma ameaça pura e simples no espelhamento de meus próprios pensamentos. Esta diferenciação é um dos pilares da distinção entre a neurose e a psicose, e Lacan, mediante o estudo da paranóia, nos propõe a reflexão do que possa ser uma paranóia social e suas implicações nos fenômenos de massa. No que se refere ao mercado global, tenho sentido falta de poder telefonar ou ir a um balcão e encontrar “alguém” do outro lado, pois não encontro ninguém que me dê respostas educadas em bom português.. Ali não há sujeito, não há outro, apenas um enunciado. Poder falar disso é uma consequência do trabalho de Lacan.

***IHU On-Line - Que práticas da psicanálise estão já ultrapassadas e quais são necessárias reinventar?***

**Conceição Fleig** - Esta forma de tratamento psíquico teve suas origens na hipnose e na sugestão, mas Freud logo as abandonou em função de seu trabalho com Breuer, com o qual elabora os grandes traços da clínica da histeria, e também em função da dissimetria surgida na relação mantida com Fliess, nomeada posteriormente de transferência. A psicanálise é reinventada por cada psicanalista em cada sessão com seu analisante. Este é um princípio que torna cada processo de análise singular, uma vez que a psicanálise se funda no conceito de inconsciente, e o trabalho analítico se dá por meio de suas formações (os sonhos, os atos falhos, os sintomas e os ditos espirituosos) que insistem cada vez que o analisante fala para seu analista. Ao estudarmos os textos de Freud de maneira cronológica, assim como as correspondências trocadas com seus alunos, nós podemos acompanhar a invenção freudiana e sua permanente indagação. Ele não vacilava, de um escrito para outro, em colocar à prova suas descobertas, abandonando-as e retomando-as. Portanto, se falamos de tratamento psicanalítico significa que estamos trabalhando com o inconsciente e que este se dá na relação transferencial com o analista, e isso, sim, é reinventado a cada pontuação, escansão e interpretação.

***IHU On-Line - De que forma a psicanálise pode ajudar o sujeito a viver sua individualidade e ao mesmo tempo construir uma sociedade?***

**Conceição Fleig** - A tendência é de transformar a palavra individualidade em um palavrão, como algo indesejável. Não vou entrar no rigor etimológico do indiviso, mas pensar aqui de forma laica, que é absolutamente necessário, o individual, o privado, para que haja uma vida possível com as outras pessoas. Se formos novamente a Freud, certa feita ele escreveu que a saúde era a possibilidade de amar e trabalhar. Esta singularidade é a única coisa que pode fazer barreira ao efeito de massa e nos colocar na posição de convivência.

***IHU On-Line - O individualismo é um desafio para os psicanalistas hoje?***

**Conceição Fleig** - Sim, tomando a outra possível acepção do termo “indivíduo-indiviso” considero que o grande desafio se encontra na psicose infantil e no autismo, aí sim encontramos o indiviso. Principalmente nas questões da infância, devemos nosso tributo ao psicanalista Jean Bergès, que, com sua extensa pesquisa, realizada com Gabriel Balbo, situa, de forma pontual, a diferença entre estas duas formas de patologia. Mas parte de que, para que haja dois (na relação mãe-filho), é preciso que a mãe faça a hipótese de que seu filho pode fazer uma hipótese. Assim já serão dois. Quando a mãe faz uma frase interrogativa para seu

recém-nascido já supõe que ali haja um outro que possa lhe dizer algo diferente do que ela mesma poderia dizer.

***IHU On-Line* - Quais são os principais desafios na formação do psicanalista e na pesquisa sobre psicanálise?**

**Conceição Fleig** - A teorização de Freud teve um intuito clínico, o sintoma e um projeto, a formação de psicanalistas, mas uma das grandes dificuldades para um analista é sua própria resistência ao inconsciente que está em cheque a cada sessão com cada analisante. Por isso, para que aí possa haver um psicanalista é preciso que ele mesmo passe pelo processo de sua análise e que, em sua análise de controle, se permita examinar seu desejo como analista. Charles Melman propõe que a formação do psicanalista consiste em que sejam quais forem as particularidades de seu gozo, ele não as tome como universal e, dessa forma, não será levado a indicar ao analisante uma forma reguladora do gozo, mas de relativizar e continuar o próprio caminho. Quanto à questão da pesquisa, preferiria dizer pesquisa em psicanálise e a esse respeito, cada conceito e cada quadro clínico é objeto permanente de trabalho para aqueles que se dedicam à clínica. Não se pode falar de teoria psicanalítica dissociada de tratamento freudiano, pois a pesquisa e a construção deste campo se deu sempre com base no trabalho com os pacientes e análise de cada analista. Preservar isso é um grande desafio, pois a transformação da psicanálise em mero conhecimento indica a resistência ao próprio inconsciente.

***IHU On-Line* - A geração atual, analisada por Almeida-Tracy (Rio de Janeiro, Rocco, 2003) é considerada com características de nomadismo onde tudo é transitório. Em entrevista ao *IHU On-Line*<sup>7</sup>, Maria Isabel Mendes de Almeida, uma das autoras, disse: “A psicanálise, por exemplo, deve lidar com uma geração que não valoriza o autoconhecimento, o mundo interno. Uma geração para a qual os valores não significam nada. A maneira de abordar o sofrimento, as angústias têm que mudar, porque os jovens são mais corporais na sua dor, e não reflexivos”. Qual é sua opinião a esse respeito?**

**Conceição Fleig** - Inicialmente gostaria de fazer uma ressalva, falar em uma geração como um grupo e sob o efeito próprio desse fenômeno específico das identificações históricas ou por contágio pode nos levar à discussão sobre a formação de gangues, a música, a moda, etc. Este é um dos possíveis recortes de abordagem. No que se refere a cada adolescente com os quais tenho trabalhado e que buscam fazer sua análise, a maior parte é inicialmente encaminhada pelos pais, alguns pedem e se mantêm por seu próprio arbítrio. Nesse caso, tenho me deparado com adolescentes que pensam muito e seriamente não apenas sobre as suas questões no mundo, mas sobre o próprio meio em que vivem. Na maior parte das vezes, ficam atolados, volto a dizer, nas suas inibições, nos seus sintomas e na angústia, quando começam a se encontrar com suas neuroses infantis no encaminhamento da efetividade de seus atos. Tenho trabalhado este aparente empobrecimento da reflexão e o aparecimento do corporal pela via que Lacan nos propõe no seminário: a angústia. Quando estamos frente à ausência de possibilidade da dor psíquica e do luto, necessários e não feitos estes aparecem então sob a forma do *acting-out* e da passagem ao ato, e neste caso, como se costuma dizer, é o corpo que padece. Quanto aos adolescentes institucionalizados, alguns com graves patologias psíquicas, considero que a inexistência de futuro é absolutamente enlouquecedora.

---

<sup>7</sup> A professora concedeu a referida entrevista na 71ª edição do *IHU On-Line*, de 18 de agosto de 2003.

## É PRECISO ROMPER COM AS SUTILEZAS ADAPTATIVAS CONTIDAS NA PSICANÁLISE

### Entrevista com Gregório Barenblitt

*A psicanálise pouco pode oferecer ao homem contemporâneo e especialmente aos jovens, pois contribuiu para a constituição das subjetividades impostas por um capitalismo planetário integrado. Uma saída possível seria lutar para a construção de um outro mundo em todos os campos da existência. Isto implicaria em romper com certos limites das formulações de Lacan, para quem a psicanálise é uma "concepção de mundo" e o ser humano constitutivamente conservador, triste, dependente, solitário e agressivo. O argentino Gregório Barenblitt propõe o rompimento das limitações éticas, políticas, metodológicas técnicas e clínicas da psicanálise, que ele considera sutilmente "adaptativa". Barenblitt iniciou sua trajetória em Buenos Aires, onde se formou em 1961, em psiquiatria. Após o curso regular e a especialização, formou-se como docente autorizado, título que equivale, no Brasil, ao doutorado. É, ainda, pós-graduado em sociologia. Frequentou durante quatro anos a formação na Associação Psicanalítica da Argentina. Foi diretor da Área de Docência e Pesquisa do Grupo Plataforma, no mesmo país. Era, ainda, militante político e teve que abandonar seu país quando o golpe militar deu início ao período da ditadura argentina. Chegou ao Brasil em 1978, por não ter sido aceito em Caracas, na Venezuela, por motivos políticos. No Rio de Janeiro, fundou, com um grupo de outros profissionais, o Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições (Ibrapsi). Em 1982, um grupo de profissionais fundou, em Uberaba, a Fundação Gregório Barenblitt, uma organização de saúde mental. Barenblitt fundou posteriormente, em Belo Horizonte, o Instituto Félix Guattari, que funciona integrado à Fundação de Uberaba, do qual é hoje presidente. Foi também professor da Santa Casa de São Paulo, da PUC do Rio de Janeiro, da UERJ, da PUC de Belo Horizonte e da Universidade La Plata, em Buenos Aires. Publicou 17 livros sobre sua experiência com a análise institucional, da qual é um dos maiores expoentes no Brasil. Entre eles, citamos **Cinco Lições sobre a Transferência**. São Paulo: Hucitec, 1991; **Compêndio de Análise Institucional e Outras Correntes**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998; e **Introdução à Esquizoanálise**. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 1999.*

#### **IHU On-Line- Existe um divã para o pobre, ou só a elite tem lugar no divã?**

**Gregório Barenblitt-** Cada vez existem mais divãs para pobres, devido aos atendimentos por convênio, plano de saúde, etc. Mas isso não significa nenhuma vantagem, porque os pobres precisam de outras terapias, mais ágeis, mais diretas e mais resolutivas.

#### **IHU On-Line- Por que a necessidade de uma esquizoanálise<sup>8</sup>? Quais as limitações apresentadas pela psicanálise?**

**Gregório Barenblitt-** As limitações da psicanálise são éticas, políticas, metodológicas, técnicas e clínicas. Trata-se de um procedimento de produção de sujeitos, que, de diversas maneiras, são funcionais à lógica que impera na Formação Histórica que estamos vivendo. A psicanálise é adaptativa, mas de uma maneira sutil e complexa que é impossível desenvolver aqui. A esquizoanálise é uma obra de enorme criatividade, cuja meta é desapertá-la em todos

<sup>8</sup> Criada por Gilles Deleuze e Felix Guattari, a Esquizoanálise é uma concepção da realidade em todas suas superfícies, processos e entes, e também nas suas individualizações inventivas como acontecimentos-devires. Para esta concepção, a produção e o desejo revolucionários são imanentes entre si e produtores de toda a realidade. Consiste em uma ampla leitura da realidade, tanto natural, quanto social, subjetiva e industrial-tecnológica, que propõe uma série de dispositivos e de procedimentos para a transformação do mundo e trabalha com todas as agrupações e práticas humanas inventivas e mutativas. Entre seus principais seguidores pode-se mencionar: Antonio Negri e Ana Isabel Crespo, na Europa; Michel Hard, nos EEUU; Sueli Rolnik, Peter Pal Pelbart Luis Orlandi, Regina Benevides, Osvaldo Saidon, Alfonso Lans, Gregorio Barenblitt, Margarete Amorim, assim como todos os membros do Instituto Felix Guattari e da Fundação Gregorio F. Barenblitt e muitos outros na América Latina. (Nota do **IHU On-Line**)

seus agentes e usuários, seja em intervenções terapêuticas, pedagógicas, artísticas ou de qualquer outro tipo.

**IHU On-Line- Quais são as principais críticas que Deleuze e Guattari fizeram a Lacan e de que forma elas podem ser estendidas a certas práticas psicanalíticas na atualidade?**

**Gregório Barenblitt-** Deleuze e Guattari tinham por Lacan o maior respeito e o consideravam um dos pós-freudianos mais inteligentes e inventivos. Mas a esquizoanálise demonstra convincentemente que Lacan foi apenas um formalizador e sofisticador da ética e da lógica dos valores psicanalíticos. A psicanálise lacaniana é uma concepção de mundo (apesar de Freud dizer que a psicanálise jamais devia sê-lo) que considera o “sujeito humano” como um ser constitutivamente conservador, triste, dependente, o sofredor essencial de um certo mal, que não tem solução possível. Esse ser se define não pelo que é, mas pelo que lhe falta, e essa falta é irreparável. Por outra parte, trata-se de um sujeito predominantemente solitário e agressivo, cujas relações com os outros são incompletas, e em última instância, impossíveis. Para a ética lacaniana não existe valor supremo, e muito menos que o mesmo consista na vida e na felicidade de toda a espécie.

**IHU On-Line- Em que consiste o atendimento bio-psico-social e como ele responde às necessidades da sociedade contemporânea, caracterizada pela miséria de muitos, pela globalização do mercado, pelo desemprego, pelo medo e a violência?**

**Gregório Barenblitt-** Essa terapia está construída com um critério de ecleticismo superior que toma de todos os sistemas terapêuticos o melhor que cada um deles pode oferecer e inventa outros, que servem para cada situação singular. A esquizoanálise, como clínica, só pode ajudar a resolver certos aspectos do sofrimento subjetivo e a incrementar a criatividade e a potência dos sujeitos, mas a esquizoanálise pode contribuir para a criação em todos os aspectos da existência, tanto no amor, como na luta por um mundo solidário, livre e justo.

**IHU On-Line- A geração atual de jovens tem mais resistência à prática da psicanálise?**

**Gregório Barenblitt-** O mundo atual é efetivamente terrível sob vários pontos de vista, em especial o que a psicanálise consagrou como “o mal-estar na cultura”. Esse mal-estar é próprio de um processo de diminuição e concentração da riqueza, o poder e o prestígio, que ameaçam destruir tudo. Os cidadãos sofrem do seu jeito, e os jovens, em especial, porque objetivamente o mundo lhes oferece uma atrofia do futuro e uma falta de expectativas, da que escapam com todo gênero de ‘intoxicações químicas, sexuais, tecnológicas, etc. A psicanálise nada pode fazer por eles, na medida em que teve uma contribuição na produção das subjetividades que hoje povoam este capitalismo planetário integrado. Acho que alguma saída para os jovens consiste na inteligência do mundo em que vivemos, de seu futuro dramático nela e em sua organização para a luta e a implantação de outro mundo possível em todos os campos de sua existência.

**IHU On-Line- Como podem ser compreendidos os conceitos de auto-análise<sup>9</sup> e autogestão<sup>10</sup>?**

<sup>9</sup> A auto-análise é um exercício no qual as comunidades analisam sua realidade e constroem os conhecimentos necessários para bem existir, enquanto os experts intervêm apenas como consultores.

<sup>10</sup> O processo de auto-análise que indivíduos e coletivos empreendem é simultâneo com os dispositivos que montam as ações a serem realizadas para obter seus objetivos de subsistência e incremento de sua qualidade de vida. Ao conjunto dessas práticas protagonizadas pelos diretamente interessados, denomina-se autogestão.



**Gregório Baremlitt-** A auto-análise e a autogestão são concepções e procedimentos que tendem à cooperação, a solidariedade, à liberdade e à justiça para todos os homens. Sempre que possam estar no ápice, terão uma contribuição a fazer nesse sentido. Acho que a imprensa oral, escrita e audiovisual deveria ajudar, de todas as formas possíveis, a esquizoanálise, a auto-análise e a autogestão assim como toda outra iniciativa desse tipo.

**IHU On-Line-** Poderiam ser estabelecidas algumas relações entre a auto-análise e autogestão e novas formas de fazer política, inclusive novos protagonistas como a chamada "multidão" que Hardt e Negri explicam no livro *Império*<sup>11</sup>?

**Gregório Baremlitt-** Acho que dentro do papel atribuído por Negri e seus companheiros à multidão, os empreendimentos auto-analíticos e autogestionários têm um papel privilegiado. O protótipo desse papel nos parece a gestão da Economia Solidária.

## A PSICANÁLISE NÃO SE DESTINA A CONSUMIDORES

### Entrevista com Anna Carolina Lo Bianco

*Mesmo na sociedade contemporânea, balizada por valores mercantis e de consumo, a psicanálise não se destina a consumidores, mas ao sujeito do inconsciente. Assim pensa a psicanalista Anna Carolina Lo Bianco, que integra o Tempo Freudiano Associação Psicanalítica, do Rio de Janeiro e é professora do PPG em Teoria Psicanalítica da UFRJ. À psicanálise, afirma Anna Carolina, cabe apontar os "disfuncionamentos", em todos os âmbitos, dos quais os indivíduos procuram escapar pela via ilusória, à procura de uma existência sem obstáculos. Esse equívoco leva à depressão, um sintoma que já tem dimensões sociais e nasce da frustração frente à impossibilidade de atender as demandas por satisfações ilimitadas oferecidas pelo sistema social. Por isso, a psicanálise só pode interagir com o sujeito que encara o limite de suas possibilidades e se posiciona em lugares onde possa "exercer a responsabilidade sobre o seu desejo". A professora foi entrevistada por e-mail. Mestre em Psicologia Clínica pela PUCRJ, Anna Carolina é doutora em Sociologia da Saúde Mental pela University of London, em Londres, na Inglaterra. É também organizadora dos livros **Formações Teóricas da Clínica**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2001; e **Novas Contribuições Metapsicológicas à Clínica Psicanalítica**. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.*

**IHU On-Line - Qual é a função da psicanálise na sociedade contemporânea? Quem está se beneficiando da psicanálise no Brasil? E como?**

**Anna Carolina Lo Bianco -** Quando falamos em sociedade contemporânea, nos referimos à nossa sociedade ocidental, mercantil e de consumo, dominada pela busca e adequação de bens de serviço a consumidores. Todos queremos exercer nosso direito de usufruir desses bens e procuramos, acima de tudo, funcionar bem, para aumentar nosso valor, seja no trabalho, seja na vida sexual, seja na afetiva. A psicanálise, no entanto, não se dirige a consumidores, ela visa ao sujeito do inconsciente, o que equivale dizer que ela aponta para algo que determina o sujeito e revela nele, ao contrário, um desfuncionamento, seja na vida familiar, seja na vida amorosa, seja na vida social. A esse desfuncionamento, ele só escapa pela via ilusória, da promessa, que o leva a crer em uma existência sem obstáculos. Diria, então, que, na sociedade contemporânea, vivemos na expectativa constante de um ganho a mais, enquanto na psicanálise justamente o que está em questão é a perda do ideal de um funcionamento perfeito. Quem se beneficia da psicanálise, se pudermos falar de um benefício, são os que têm coragem para se confrontar com o mal-estar causado pela perda desses ideais mas que, no entanto, é a

<sup>11</sup> Este livro foi apresentado na primeira edição do evento **Abrindo o Livro**, em 16 de abril de 2003, pelo professor Dr. Inácio Neutzling, coordenador do IHU.

condição para que o sujeito encare o limitado de suas possibilidades, para encontrar o lugar – estreito, mas é o que lhe cabe –, de onde poderá exercer a responsabilidade sobre seu desejo.

***IHU On-Line* - Quem é o psicanalista? Que tipo de formação ele tem? Que tipo de inquietações são as que mais preocupam os estudantes de psicanálise?**

**Anna Carolina Lo Bianco** - É um fato e também uma interrogação que se coloca à psicanálise, à prática psicanalítica, que ela seja hoje aqui no Brasil introduzida por via universitária, quando, ao contrário, desde Freud, a formação psicanalítica se dá com o que chamamos de tripé: análise pessoal, supervisão de casos e trabalho institucional sobre os textos fundadores e alguns outros que engajam os analisantes na via de uma transmissão. Uma transformação da psicanálise em visão de mundo psicanalítica, muitas vezes confundida com a psicanálise, se divulga quase sempre na universidade, em especial nos cursos de Psicologia, incluindo-a no rol das disciplinas ou dos sistemas humanistas. Conseqüentemente se considera que ela possa ser estudada, aprendida, compreendida e até mesmo regulamentada. Surge, então, uma contradição em termos do estudante de psicanálise, quando, na verdade, o que há é psicanalista que, como psicanalisante, se submete à formação psicanalítica. Essa questão, no entanto, nos remete à responsabilidade do analista nas universidades. É a ele que cabe apontar o lugar da psicanálise, esse lugar incômodo quase impossível de ser sustentado na universidade, uma vez que o saber psicanalítico é o saber do inconsciente. Isso introduz uma especificidade, porque, ao contrário do objeto de outras disciplinas, o inconsciente se constitui no momento mesmo da presença do analista frente a quem fala, isto é, na relação de transferência. Logo, estamos frente a um objeto que só pode ser apreendido no campo da práxis analítica. Isso é tudo que pode e deve inquietar aqueles que se vêem às voltas com o ensino da psicanálise nas universidades, independente do lado que estivermos, seja daquele que ensina, seja daquele que está em busca do saber.

***IHU On-Line* - Quais as principais transformações pelas quais a psicanálise passou nas últimas décadas?**

**Anna Carolina Lo Bianco** - Podemos falar de duas transformações: uma que a envia para uma forma de psicoterapia apaziguadora, essa que procura ser eficaz e trazer benefícios para o bem-estar dos consumidores, e outra que restaura a lâmina cortante, introduzida por Freud, que busca a dimensão do sujeito – esse que se confronta com a impossibilidade de uma realização completa e, ao se defrontar com essa impossibilidade, não responde com a impotência, a depressão e a desistência – senão que responde com o trabalho, com o próprio enfrentamento de seus limites.

***IHU On-Line* - Quais são as principais escolas que influenciam a psicanálise no Brasil?**

**Anna Carolina Lo Bianco** - Acredito que possamos grosso modo agrupá-las em três segmentos. Em primeiro lugar, quando se transforma a psicanálise numa psicoterapia, quase sempre (não se pode aqui fazer uma generalização), se toma um *mix* de autores; como qualquer consumidor, o terapeuta escolhe no supermercado das terapias aqueles produtos que mais o atraem, que lhe permitirão oferecer o melhor serviço. Recorre a propostas mais ou menos sofisticadas, operações mais ou menos ecléticas, que são todas orientadas para fazer funcionar bem um indivíduo. E nesse ponto revelamos a nossa vocação para um *melting pot* cultural, absorvendo as últimas novidades que nos chegam dos países desenvolvidos. Em segundo lugar, há o lacanismo que se introduziu como uma tendência muito forte em vários meios, tratando de fazer uma atualização na visão de mundo que era saturada de psicanálise. A uma determinada altura, principalmente no final da década de 1970 e início dos anos 1980,

nas grandes cidades, nas classes média e alta, a psicanálise se difundiu pelas mais variadas instâncias e perpassou todas as áreas da vida cotidiana e da cultura dos grandes centros. Sua presença na mídia, especialmente na mídia cultural e científica, e também nos cadernos de comportamento e vida familiar, era (como em parte ainda é) muito freqüente, e suas orientações, muito valorizadas. O lacanismo veio como uma forma de dar uma nova inflexão a fórmulas que talvez tivessem se esgotado em sua novidade, como, por exemplo, não era mais um choque que alguém fosse marcado por uma vivência edípica, como se dizia à época, acerca de suas relações com os pais. Introduzindo um novo linguajar e novas maneiras de formular o mal-estar com que nos havemos no dia-a-dia, se prestou, como ainda se presta, a servir de guia para legitimar novas maneiras de se apaziguar a angústia de que somos tomados a cada momento. No terceiro subgrupo, há Lacan, que, ao reler Freud, ao refazer e retomar o percurso freudiano, restaura a radicalidade do que a psicanálise introduziu no século XX. Dá à psicanálise uma direção, recolocando o sujeito do desejo e do inconsciente em questão. E, importante que a pergunta tenha focalizado justamente a escola, porque se trata para Lacan de restaurar o lugar do analista que trabalha, sob transferência, numa escola, e não apenas se agrupa de forma societária como numa sociedade anônima.

***IHU On-Line - Quais os sintomas que mais se apresentam nas pessoas que procuram o divã? Têm surgido novas práticas psicanalistas para responder a novos desafios?***

**Anna Carolina Lo Bianco** - Sem dúvida, o sintoma de que mais nos queixamos hoje é da depressão. Longe de ser o sintoma da divisão do sujeito, é um sintoma social. O indivíduo é capturado na rede da demanda pelo bem-estar e pela satisfação ilimitados e ao não conseguir obtê-los, ao se ver frustrado, minimamente que seja, por não obtê-los, se considera imediatamente deprimido. É fácil seguir, então, as saídas para o alívio dessa aflição: o shopping, a farmácia ou a boca de fumo. Temos aí os corolários das depressões: o consumo desenfreado, as drogas lícitas e ilícitas. Todos ligados ao que Melman chama da “nova economia psíquica” que estamos em vias de inaugurar: aquela em que passamos de uma cultura na qual a satisfação pode ser adiada ou substituída, engendrando novos caminhos, para uma em que ela tem que ser viabilizada a qualquer custo. Certamente é importante que a prática se aparelhe para responder às formas de expressão dessa nova economia psíquica, mas isso não quer dizer que sejam necessárias novas práticas, sequer são necessários novos conceitos.

***IHU On-Line - Quais os autores que, na sua formação e na sua prática, mais a influenciaram?***

**Anna Carolina Lo Bianco** - Não se pode dizer que Freud “influencia” uma formação analítica. Freud constituiu, inventou o campo em que ela se dá. Depois dele, é na travessia do ensino de Lacan que busco as bases para meu trabalho de analista. Só que não é possível se ter transferência de trabalho, não é possível se ter uma transferência qualquer, que não seja dirigida a um analista presente. Nesse ponto, é meu analista, é minha análise, que são as referências fundamentais em minha formação. Da mesma maneira, é unicamente da transferência para o trabalho na minha instituição, que é o Tempo Freudiano Associação Psicanalítica, cuja direção é feita pela presença de um analista, que é possível falar de alguma influência sobre minha formação.

# DESTAQUES DA SEMANA

## Entrevista da semana

### NOVOS CONCEITOS EM PERMANENTE GESTAÇÃO

#### Entrevista com Wolfgang Schluchter

Publicamos, a seguir, a íntegra da entrevista realizada com o professor alemão Wolfgang Schluchter, que foi veiculada parcialmente na edição n.º 101, de 17 de maio de 2004. O professor Dr. Dr. honoris causa Wolfgang Schluchter, nascido em 4 de abril de 1938 em Ludwigsburg, na Alemanha, concedeu a entrevista ao **IHU On-Line**, por e-mail.

Tendo estudado nas Universidades de Stuttgart, Tübingen e Munique e na Freien Universität Berlin os cursos de Sociologia, Ciências Econômicas, Ciências Políticas e Filosofia, o professor Wolfgang diplomou-se e doutorou-se na Freien Universität Berlin, com habilitação na Universidade de Mannheim, Alemanha. Atualmente é professor de Sociologia na Universidade de Heidelberg, desde 1976. Antes disso, foi professor de Ciências Sociais na Universidade de Düsseldorf. De 1997 até 2002, esteve em missão na Universidade Erfurt, onde foi pró-reitor de Pesquisa e Nova Geração Científica e também foi diretor de Estudos da Cultura e Ciências Sociais do colégio Max-Weber. É autor de, entre outros, **Entscheidung für den sozialen Rechtsstaat. Hermann Heller und die staatstheoretische Diskussion in der Weimarer Republik**. [Decisão por um estado de direito social. Hermann Heller e a discussão teórica estatal na República de Weimar]. Colônia-Berlim: Kiepenheuer e Witsch, 1968, 2.ed.1983; **Aspekte bürokratischer Herrschaft. Studien zur Interpretation der fortschreitenden Industriegesellschaft**. [Aspectos de um domínio burocrático. Estudos para a interpretação da sociedade industrial em desenvolvimento.], Munique 1985; **Die Entwicklung des okzidentalen Rationalismus. Eine Analyse von Max Webers Gesellschaftsgeschichte**, [O desenvolvimento do racionalismo ocidental. Uma análise da história da sociedade de Max Weber.] Tübingen: Siebeck, 1979. Nova edição sob o título: **Die Entstehung des modernen Rationalismus. Eine Analyse von Max Webers Entwicklungsgeschichte des Okzidents**, [A criação do racionalismo moderno. Uma análise da história do desenvolvimento do Ocidente de Max Weber] Frankfurt: Suhrkamp, 1998; **Max Weber's Vision of History: Ethics and Methods** [Visão da História por Max Weber: Ética e Métodos.](junto com Guenther Roth), Berkeley: University of California Press, 1979, 2.ed.1984; **Rationalismus der Weltbeherrschung**, [Racionalismo do domínio mundial.] Frankfurt: Suhrkamp, 1980; **Religion und Lebensführung**, [Religião e modo de vida.] Frankfurt: Suhrkamp, 1988, Edição específica para estudos acadêmicos 1991. Vol. 1: **Studien zu Max Webers Kultur- und Werttheorie**. [Estudos sobre a cultura e teoria de valores de Max Weber.] Vol. 2: **Studien zu Max Webers Religions- und Herrschaftssoziologie**. [Estudos sobre a sociologia da religião e do domínio de Max Weber.]; **Rationalism, Religion, and Domination. A Weberian Perspective** [Racionalismo, Religião e Dominação: Uma Perspectiva Weberiana], Berkeley: University of California Press, 1989; **Paradoxes of Modernity. Culture and Conduct in the Theory of Max Weber** [Paradoxos da Modernidade. Cultura e Conduta na Teoria de Max Weber], Stanford: Stanford University Press, 1996; **Unversöhnte Moderne** [Modernidade irreconciliável.], Frankfurt: Suhrkamp, 1996; **Neubeginn durch Anpassung? Studien zum ostdeutschen Übergang**, [Novo começo através da adequação? Estudos sobre a transição leste alemã.] Frankfurt: Suhrkamp, 1996.

**IHU On-Line - Max Weber ainda pode ser considerado um dos paradigmas da sociologia?  
Quais os conceitos formulados por ele que ainda mantêm o vigor teórico?**

**Wolfgang Schluchter** - De fato, existe algo como um “paradigma weberiano”, que se encontra em concorrência com outros paradigmas da sociologia, como, por exemplo, com a teoria sistêmica, com a teoria da ação comunicativa, e também com a teoria da escolha racional (RC-Theorie) que utiliza e amplia, de forma específica, as possibilidades do enfoque econômico. Colaboradores meus publicaram, recentemente, um livro com este título: *O paradigma weberiano* (Das Weber-Paradigma, Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 2003). Participaram dessa publicação, além dos organizadores, 17 cientistas de diferentes países e disciplinas. A estrutura do conteúdo do livro nos dá uma idéia da amplitude do método weberiano: I. O Paradigma Weberiano em Heidelberg; II. Teoria do Conhecimento científico e do Valor; III. Ação e Comportamento; IV. Cultura e Conduta de Vida; V. Instituições e Regimentos. Eu, no entanto, evito o conceito paradigma, porque este contém, desde os primeiros trabalhos de Thomas Kuhn, um significado não compatível com a situação de concorrência da teorização sociológica. Em vez disso, utilizo o conceito “programa de pesquisa”, cunhado por Imre Lakatos. O subtítulo do livro mencionado *Estudos para o desenvolvimento do programa de pesquisa de Max Weber* leva em conta o meu ponto de vista. Trata-se, no meu entender, de uma sociologia compreensiva que procura analisar, no contexto de um enfoque individualista-estruturalista, as relações entre ação, regimento e cultura, numa perspectiva de cotejo e de desenvolvimento histórico. É um programa de pesquisa com um núcleo duro kantiano (segundo Lakatos). Apresenta todo um acervo de conceitos com os quais podem ser analisados, no micro e no macro, estruturas e processos econômicos, jurídico-políticos, religiosos e sociais, ao longo de seu desenvolvimento temporal. Deve-se ressaltar que a teoria de conceituação weberiana compromete o pesquisador a criar permanentemente novos conceitos compatíveis com os fenômenos pesquisados, pois para este tipo de sociologia compreensiva a formação de conceitos jamais poderá ser definitiva. Trata-se de uma sociologia que pretende compreender o significado da ação social e de suas coordenadas com base em seu processo e em seu efeito para, assim, possibilitar uma explicação causal. Isso significa: 1. Razões de sentido que motivam o agente, devem ser tratados como causas; 2. As condições e situações estruturantes da ação, que a possibilitam e lhe impõem limites, devem ser consideradas; 3. Os processos de transformação, que resultam de uma multiplicidade de entrelaçamentos com outras ações, devem ser analisados. Finalmente, esta relação macro-micro-macro precisa ser contemplada na perspectiva de um conceito de racionalidade pluridimensional, “restringida” por significados subjetivos (*bounded rationality*, segundo Herbert Simon). No entanto, não só os processos de racionalização em diversos níveis são objetos interessantes de pesquisa, como também o seu oposto.

**IHU On-Line - Qual foi o significado de A ética protestante e o espírito do capitalismo para as ciências sociais?**

**Wolfgang Schluchter** - “A ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo” foi publicada pela primeira vez em 1904/1905, na forma de uma série de artigos. Depois, em 1920, ela foi inserida no 1.º volume da *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie* (Coleção de artigos sobre a sociologia da religião). A obra é, segundo um depoimento do próprio Weber, em primeiro lugar, uma análise histórica que reivindica ter apresentado uma atribuição causal válida à origem do novo espírito de ascese vocacional que começara a se impor no século XVII. Esta pretensão de Weber é até hoje controvertida de forma veemente. É por esta razão que muitos cientistas têm a tese weberiana por refutada. Eu, no entanto, não vejo que a importância dessa obra resultaria, em primeiro lugar na solução, bem ou mal sucedida, de uma questão de atribuição histórica. Pelo contrário, ela deve ser vista como exemplo de metodologia de pesquisa de uma sociologia teórica e histórica, que se entende como ciência da cultura, para a análise do papel

das idéias e dos ideais que dão significado à vida de seres humanos. O próprio Weber destacou, numa parte central de seu estudo, que ele pretendia esboçar este papel de forma diferente do costume de materialistas ingênuos mas, sobretudo, também de idealistas ingênuos. Pois para ele não existe a causalidade de idéias, no sentido de uma *downward causation*, tão característica do idealismo ingênuo. Max Weber concentra-se, antes de tudo, nos efeitos psicológico-pragmáticos das idéias e dos ideais. É verdade que estes efeitos são co-determinados por idéias e ideais, embora talvez possam encontrar-se dinamizados por interesses – no caso de seu estudo, por interesses salvíficos - e, assim, transformados em relação ao seu conteúdo que, comparado com o ponto de partida da idéia, possa resultar numa concatenação acional totalmente inesperada. Além disso, para poder perceber e compreender esse efeito, precisa-se de um determinado material de fonte. Deve ser um material que possa espelhar tanto as preocupações e necessidades das pessoas submetidas àquela visão de mundo quanto as soluções que elas encontraram para sua conduta de vida. Em se tratando do campo religioso, Max Weber remete acertadamente à literatura de resposos como sendo útil para esta finalidade. Essa reflexão sobre o papel histórico das idéias e dos ideais é, no meu ponto de vista, válida até hoje. Infelizmente são raros os estudos históricos que seguem este caminho.

***IHU On-Line* - A "sociologia compreensiva" de Weber é útil à compreensão da sociedade pós-industrial?**

**Wolfgang Schluchter** - Todo programa de pesquisa sociológico, que merece este nome, é temporâneo, mas contém elementos que continuam válidos além de sua época. Isso vale naturalmente também para Max Weber. Ele escrevia numa época na qual lhe era possível ter apenas uma noção rudimentar ou totalmente nula dos fenômenos que hoje determinam nossa vida. Menciono, a título de exemplo, o crescente totalitarismo político, a ameaça nuclear e ecológica da humanidade, a passagem do capitalismo empresarial ao capitalismo digital, o fundamentalismo vinculado ao terrorismo e, enfim, ainda à globalização econômica que parece ser seguida de uma globalização social e cultural. Weber, para permanecer fiel à sua metodologia, teria que dizer: Comparando com minha época, os grandes problemas culturais mudaram. Portanto, a sociologia deve mudar seu ângulo e seu aparelho conceitual. Mas – e este é o meu comentário complementar - para isso, ela deve estar embasada no “espírito” de um programa de pesquisa weberiano.

***IHU On-Line* - É possível identificar, na sociologia contemporânea, teóricos ou escolas que ampliaram e atualizaram a contribuição de Weber, sem descaracterizá-la?**

**Wolfgang Schluchter** - O método de Weber teve muitos efeitos sobre outros teóricos que, freqüentemente, o distorciam ou, então, se equivocavam profundamente no seu entendimento. Para se obter uma visão não apenas superficial, mas abrangente de sua obra, deve-se realizar um estudo que dure uma vida toda, o que, aliás, vale para as obras de todos os grandes pensadores. Justamente por isso, a apropriação e, sobretudo, a atualização e extensão de sua metodologia permanecem um desejo a ser realizado.

***IHU On-Line* - Qual é, na sua opinião, o significado da idéia de "desencantamento do mundo" presente na obra de Weber?**

**Wolfgang Schluchter** - O conceito "desencantamento do mundo", ou melhor, o conceito antônimo ao “encantamento do mundo”, tem dois significados distintos na obra de Weber. O primeiro é de natureza histórico-religiosa. Neste caso, desencantamento significa desenfitecimento dos meios salvíficos. É nesse sentido que o conceito é utilizado na segunda edição dos estudos

sobre a ética protestante. O segundo significado, entretanto, é de natureza histórico-científica e deve ser distinguido rigorosamente do primeiro. Aqui, desencantamento significa o processo pelo qual o mundo é transformado, por meio da ciência moderna, sobretudo, das modernas ciências exatas, em um mecanismo causal. Dessa forma, desencantamento é sinônimo de secularização, não se referindo mais a um processo intra-religioso, mas sim a um processo que se volta, em parte, também contra a religião. No entanto, nos dois casos o conceito permanece com aspectos de metáfora que remetem a processos mais complexos, ainda não “concebidos” e que teriam de ser melhor analisados.

**IHU On-Line - Qual é o legado de Weber para a formação, consolidação e posterior reunificação da nação alemã?**

**Wolfgang Schluchter** - Houve algumas tentativas de analisar o desenvolvimento da Alemanha no século XX – isto é, as duas guerras mundiais, o fracasso da República de Weimar, o regime nacional-socialista, a separação em dois países e a reunificação – considerando-se a perspectiva weberiana. Esses estudos concentraram-se na análise sociológica da cultura e das instituições. Procuravam detectar as forças que estruturaram as ações de constelações institucionais culturalmente condicionadas. Essa perspectiva tem laços estreitos com a sociologia de Heidelberg, mas também teve suas irradiações na história social alemã.

**IHU On-Line - Na sua opinião, as universidades alemãs destinam à obra de Weber a atenção que ela merece?**

**Wolfgang Schluchter** - Não podemos afirmar que determinadas universidades tivessem se dedicado ao cultivo da obra de Max Weber. Quem fez isso foram, antes de tudo, estudiosos individuais espalhados por muitas universidades. Há universidades com uma posição especial no cultivo do patrimônio científico de Max Weber. São aquelas que disponibilizam cargos para a viabilização da edição completa das obras e cartas de Max Weber que, entretanto, já engloba 20 volumes. Nesse sentido, devem ser mencionadas principalmente as universidades de Heidelberg e Düsseldorf. Em Heidelberg, são realizadas, além disso, pesquisas sobre o paradigma weberiano, como já mencionamos acima. Recentemente, foi-me dada a possibilidade de fundar na Universidade de Erfurt o Weber-Kolleg para estudos sociológicos e culturais. Não se trata, no entanto, de uma instituição comprometida exclusivamente com a herança de Max Weber.

## Artigo da Semana

### FRAQUEZAS DA CARNE

*O artigo a seguir é do jornalista Washington Novaes e foi publicado no jornal **O Estado de S. Paulo**, no dia 2 de julho de 2004. Autor de 12 livros, Novaes foi criador da série histórica de documentários para a televisão sobre o Xingu e o Pantanal. Foi também secretário de Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia do Distrito Federal. Prêmio Esso de Ecologia, ele escreve para o jornal **O Estado de São Paulo**, é comentarista do programa Repórter Eco, da TV Cultura e consultor de vários organismos internacionais para a questão ambiental.*

No mesmo dia em que o anúncio de um caso de febre aftosa no Pará levava alguns países a suspender as compras de carne bovina brasileira, as agências de notícias informavam sobre a morte de uma jovem nos Estados Unidos, a primeira vítima humana naquele país da

encefalopatia espongiforme bovina (“doença da vaca louca”), que já matou mais de 140 pessoas na Inglaterra em poucos anos e 18 só no ano passado. Outras 16 mil pessoas podem estar infectadas nesse país, mas ainda sem sintomas, segundo estudo do governo inglês.

No mesmo dia, a Organização para a Alimentação e a Agricultura (FAO), da ONU, e a Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) decidiram juntar esforços diante do preocupante de “doenças transfronteiriças” como a aftosa e a “gripe das aves”, motivadas, segundo elas, pelo comércio internacional de carnes e pelos deslocamentos humanos. As duas organizações decidiram criar um sistema mundial de informação e alerta nessa área. Pondo mais uma vez em evidência a extensão e a gravidade do problema da segurança alimentar no mundo.

E isso ocorre no momento em que o Brasil assume o lugar de maior exportador de carne bovina, graças, inclusive, a uma expansão de 200 mil hectares nas áreas de criação. No ano passado, já foi exportado 1,4 milhão de toneladas de carne bovina, no valor de US\$ 1,5 bilhão. E US\$ 1,79 bilhão em carne de frangos, 20% mais que no ano anterior. A expansão da carne bovina brasileira prossegue este ano, com mais 19,5% em quatro meses. Para assegurar essa posição, o País mantém hoje um plantel de 185 milhões de cabeças de gado bovino e 180 milhões de galinhas (fora 32 milhões de porcos).

A mesma FAO estima que um terço das exportações mundiais de carnes esteja hoje sob ameaça de doenças. Canadá e Estados Unidos têm problemas. A Tailândia abateu 36 milhões de aves; o Canadá, 19 milhões. A “gripe das aves” já atingiu também a China, a Coreia do Sul, o Paquistão, a Indonésia, o Vietnã, o Japão, Taiwan, o Laos e o Camboja.

A produção mundial de carnes chega hoje a quase 250 milhões de toneladas – o dobro do que se produzia em 1997. Em meio século, multiplicou-se por cinco. Os rebanhos bovinos passaram de 3 bilhões para 5 bilhões desde 1960 (mais 60%); os plantéis de aves, de 4 bilhões para 16 bilhões de cabeças (mais 300%).

Aí começa outra complicação: a insustentabilidade dos atuais padrões de produção e consumo no mundo, apontada em vários relatórios e comentada neste espaço. Esses padrões já levam a um consumo mais de 20% além da capacidade de reposição da biosfera. E se concentram em quase 80% nos países industrializados, que têm menos de 20% da população mundial – ao mesmo tempo em que metade da população do mundo vive abaixo da linha da pobreza e 840 milhões de pessoas passam fome. E a população mundial ainda crescerá entre 2,5 bilhões e 3 bilhões de pessoas até 2050.

E ainda há outros ângulos do problema. Gerar uma caloria de carne de boi, porco ou frango, por exemplo, exige de 11 a 17 calorias de alimentos. Expandir a produção de carnes exigirá novas e extensas áreas, para pastagens ou plantação de grãos – o que significará mais desmatamento e perda da biodiversidade no mundo. Uma dieta de carnes exige de duas a quatro vezes mais solo que uma dieta vegetariana, argumenta-se.

E o problema só não é maior porque, enquanto um habitante do Primeiro Mundo consome 80 quilos anuais de carnes, no chamado Terceiro Mundo essa média é de 28 quilos anuais.

Outro ângulo das discussões é o dos métodos de criação. Há 30 anos, levava-se três meses para produzir um frango em condições de abate. Hoje, a média é de 41 dias e a cada ano se reduz um dia. Graças a novos métodos, novas tecnologias, novos promotores de crescimento, novos sistemas de confinamento.

Ainda recentemente, uma instituição que se preocupa com animais, a Compassion in World Farming (CWF), numa ação que levou à Alta Corte de Londres, pediu que fossem declarados ilegais – porque “cruéis” – os atuais sistemas de criação de frangos, visando ao crescimento rápido. Segundo a CWF, os frangos hoje provêm de um “pool” genético cada vez menor – 98% dos que são criados para abate descendem de aves supridas por apenas três empresas. Crescem tão rapidamente que o esqueleto não chega a se formar de todo, com sofrimento



intenso. A pressão sobre o sistema cardiovascular – segundo estudo da Universidade de Bristol – é intensa. Grande parte do plantel desenvolve ascite, deficiências no coração, edema no fígado. Por tudo isso, são animais que procuram nos alimentos de preferência fragmentos que contenham analgésicos – o que pode levar a outros problemas para o consumidor. Nos rebanhos bovinos os problemas também são freqüentes, principalmente com bezerros que crescem tanto no útero que as cirurgias cesarianas se tornam quase regra.

Esses e outros problemas levaram recentemente a União Européia a baixar legislação que limita o número de frangos e porcos segundo a área disponível. Em 2006, entrará em vigor nesses países a proibição do uso de promotores do crescimento.

Mais um ângulo: a geração pelos rebanhos de gases que intensificam o efeito estufa. São 10% das emissões totais e 25% no caso do metano (que permanece menos tempo na atmosfera, mas tem efeito mais de 20 vezes mais grave que o do dióxido de carbono).

Outro ângulo ainda: consumo de água. Pelo menos 3,5 mil litros são necessários para produzir um quilo de carne de frango, 6 mil para um quilo de carne de porco, pelo menos 15 mil para um quilo de carne bovina. Enquanto isso, um quilo de batatas pode ser produzido com até 500 litros. Terra e água necessárias para produzir um quilo de carne são suficientes para 200 quilos de tomates ou 160 de batatas, segundo o Worldwatch Institute. E as pastagens cobrem um terço das terras no mundo.

Não é só. Os efluentes de criações são responsáveis por 50% da poluição da água na Europa e pela acidificação do solo (quando depositados sem tratamento).

São muitos ângulos. E, exatamente por estar assumindo a liderança do mercado mundial de carnes, o Brasil precisa pensar em todos eles. Segurança alimentar, segurança para a saúde do consumidor, sustentabilidade dos padrões de consumo. Não haverá como fugir a todas essas discussões.

## Livro da semana

**Paul VIRILIO, Ville Panique. Ailleurs commence ici. Paris: Galilée, 2004.**

*Traduzimos e reproduzimos a entrevista a seguir, publicada no jornal argentino **Página/12**, em 20 de junho de 2004. À luz dos recentes atentados de Madrid, o arquiteto Paul Virilio analisa como a cidade ocidental passou de símbolo da civilização a cenário privilegiado do desastre. Entrevistado sobre o lançamento de seu último livro, **Ville panique**, este profissional da objeção revisita algumas de suas obsessões mais persistentes: Chernobyl, o terrorismo urbano, o mundo virtual e o totalitarismo do progresso.*

**Por que *Ville panique*? Por que a cidade tal como a conhecíamos desaparece em uma espécie de pânico generalizado? Por que perde seus pontos de referência? Por que implosiona?**

Uma vez a cidade foi o lugar não só do político, mas também da civitas, quer dizer, da civilização. O espírito, o ar da cidade, libera, e isso é o que se inverte neste momento. A cidade se torna uma máquina de guerra; é o foco da crise do político e do bélico, já que o militar e o político estão ligados. O pânico se apodera da cidade. Pensemos nessas megalópoles de 20 ou – muito em breve – 30 milhões de habitantes, no modo de vida dessas aglomerações que já não têm rosto nem escala humana. A desregulação e a desrealização penetraram na cidade. E se operou uma inversão: a cidade, que alguma vez foi o coração de nossa civilização, tornou-se o coração da desestruturação da humanidade.

**Você diz que essa guerra não é só uma guerra na cidade, inclusive contra a cidade, senão uma guerra civil, ou mais precisamente, uma guerra contra os civis.**

Daqui para frente, a guerra é a cidade. No passado, houve duas grandes épocas em matéria de guerra: a guerra de lugar fixo e a guerra de movimento. Logo que se inventaram as energias, a guerra de movimento ultrapassou a guerra de lugar fixo. Agora bem: hoje superamos essa etapa para fazer da cidade o campo de operações de todos os enfrentamentos, por todos os meios: os bombardeios de Londres por parte dos zepelins em 1914, Guernica, Rotterdam, Coventry, Hamburgo, Dresde, Hiroshima, Nagasaki... e assim sucessivamente. Basta ver o que acontece no Grozny (Chechenia) neste momento: uma cidade arrasada, tábula rasa. Grozny sofre uma guerra civil que é, efetivamente, uma guerra contra os civis, já que – como a maioria dos conflitos atuais – mata muitos mais civis que militares. Hannah Arendt foi a primeira que falou de uma guerra civil mundial. E a história, com o hiperterrorismo, que não pára de desenvolver-se, não faz senão lhe dar razão. Agora a guerra já não se livra da planície do Waterloo senão em Madrid, Bagdá, Jerusalém. Quando vinte e sete pilotos israelenses dizem a seus superiores militares: “Negamo-nos a participar de ataques aéreos contra centros de população civil”, só põem em evidência que guerra e cidade se sobrepõem. Por quê? Porque o mundo se tornou demasiado pequeno e porque a cidade se converteu na caixa de ressonância de todas as nossas ações, sejam militares, midiáticas ou estratégicas. É algo totalmente inédito.

**Você fala de “claustrópoles”...**

Sim, absolutamente. Passamos da “cosmópolis”, a cidade aberta, à “claustrópoles”, a cidade fechada. Nos Estados Unidos, falam de *gated communities*: há 30 milhões de norte-americanos que vivem trancados entre muros, e estão esses ultraconservadores, como Newt Gingrich, que apregoam o retorno às cidades-estado... É também o caso de São Paulo e seus cinturões urbanos. Ou de uma simples torre, porque a torre não comunica: é um beco sem saída, um gueto vertical. E não há nada mais protetor que uma torre. Hoje se observam duas tendências na cidade: a bunkerização e a babelização.

**É a primeira vez que você intervém diretamente, como personagem, em uma de suas obras. Fala aqui de sua relação pessoal com Nantes e com Paris. Por quê?**

Porque comecei este texto quando saí de Paris, de maneira que foi o primeiro que escrevi na Rochelle, onde o terminei e onde resido agora. O embrião foi uma encomenda da revista *Les temps modernes* cujo tema era a cidade de Paris. De algum modo, era minha despedida de Paris. Assim que comecei o texto e depois me deu vontade de continuar. Primeiro, porque descobri um texto extraordinário de Victor Hugo, no qual o escritor compartilha seu desassossego ante o modo como se destrói Paris para aumentar as ruas: “Amanhã destruirão Notre-Dame para aumentar o espaço, e se isso segue assim, destruirão Paris para aumentar a planura das areias”. Outra vez tábula rasa. Além de meu amor por Paris, onde nasci, terminei dando-me conta de que a destruição da cidade seguia através da guerra. Além do higienismo, as reformas urbanas de Haussmann, por exemplo, representam a oposição à Comuna de Paris e procuram aniquilar as pequenas ruas, esses ninhos de resistência inacessíveis à cavalaria e à artilharia. A origem do urbanismo haussmanniano – como o de Ceacescu, o de Stalin ou o de Saddam Hussein em Bagdá – é sobretudo a vontade de poder colocar a força militar na cidade. Igualmente hoje há outro ponto estratégico culminante, chave dessa tábula rasa: o aeroporto. A tábula rasa materializa a chatice da guerra aérea, que arranca com os campos de aviação e – quando cumpre sua função, como antes da Alemanha, ou hoje, em Grozny – termina arrasando com a cidade.

**Você evoca a idéia de um mapa mental que, por definição, é único e pessoal: o modo como cada indivíduo constrói suas próprias cartas de navegação no seio das cidades.**

O imaginário mental sempre me apaixonou. Estava acostumado a fazer meus estudantes de arquitetura e urbanismo desenhar no tabuleiro com os olhos enfaixados: obrigava-os a entrar na visão mental de seus projetos. A arquitetura, como a pintura, é coisa mental: precisa haver uma visão interior para melhorar um projeto. O que lhes pedia era que habitassem seu projeto antes de construí-lo. Isso tem que ver com uma das críticas que faço à imaginária instrumental. Hoje, contrariamente ao cinema ou à fotografia, o virtual tende a substituir à imagem mental, que de fato já está parasitada pelo imaginário instrumental. Os videogames, por exemplo, são uma maneira de pôr de novo o acento no imaginário gráfico. Há uma nova placa gráfica que está instalando-se nas cabeças e vem paralisar o espaço mental de cada um.

**Como modifica essa placa virtual em placa real?**

A placa real é rigorosamente pessoal: está ligada à vida e à biografia do indivíduo, e também a seu lugar de residência. Por isso digo sempre que todos somos arquitetos de nossa cidade. Walter Benjamin já se deu conta, e o assunto depois foi retomado pelos situacionistas. O problema das simulações gera um analfabetismo da imagem mental, uma espécie de perda que, com o cinema, não tínhamos sofrido. É certo que o cinema também interferia quando um filme se apoderava de nós, mas com o virtual o fenômeno se multiplica e é mais grave, porque a perda que pode gerar afeta o bioimaginário, que é o imaginário que nos permite viver, estar aí. Estar aí é muito importante. O subtítulo de meu livro é justamente “Aqui começa outra parte”.

**É uma maneira de dizer que a geografia está desaparecendo?**

Com efeito. Hoje o problema não é o fim da história senão a possibilidade de um fim da geografia (e entendo “fim” no sentido de sua terminação). O mundo se está tornando demasiado pequeno para nossas velocidades de detecção, de transporte, de informação. A compressão temporária suprime a distância que nos proporcionava a geografia. Daí a frase que cito em meu livro: “O que vamos esperar quando já não tivermos necessidade de esperar para chegar?”. É um fenômeno patológico, a escala da Terra... que por um bom tempo, ao menos, seguirá sendo o único planeta habitável do sistema solar.

**Que mudanças traz esse desaparecimento da distância e da geografia?**

A novidade é o fechamento, o Grande Fechamento. Eu sou claustrofóbico e asmático, de modo que sou muito sensível a esse tipo de coisas. O fechamento que tão magistralmente analisou Foucault está aí, diante de nós, só que a partir de agora, em uma escala ecológica. A compressão temporária faz que com que essas sensações de enclausuramento, de claustrofobia, de encarceramento, possam converter-se, para as próximas gerações, em um fenômeno aterrador. O mundo é demasiado pequeno. Não para os astronautas, é obvio, mas para os milhares de milhões de indivíduos... O problema não é o de um mundo superpovoado, como se dizia quando era jovem, mas sim a Terra está reduzindo-se a nada.

**Mas acaso as tecnologias do virtual não podem ser um remédio para esse “pânico carcerário” do real?**

De certo modo, as tecnologias do virtual criam um sexto continente que não é mais que um substituto dos outros cinco. Essa volta para o sexto continente não é casual; é uma sorte de sobrecolonialismo. Porque agora o mundo está como que apagado, necessitamos de uma espécie de substituição, e o sexto continente virtual representa essa sobrecolonização. “Sobre”

no mesmo sentido que se diz, por exemplo, que terá que atuar, não sobreatuar (quer dizer: fazer proezas histriônicas).

**Por que esse sexto continente não poderia ser uma saída da “claustrópoles”?**

Não, é uma substituição. Temos que acrescentar espaço porque o mundo está comprimido, mas esse espaço seguirá sendo virtual. Como disse alguma vez, a interatividade é para informação o que a radioatividade é para a energia: algo instável e perigoso. Foi essa compressão temporária que provocou esta situação. É um efeito do pânico de que se fala pouco, e por isso me interessam os acidentes: em certo sentido, se trata de um acidente da percepção do mundo.

**Tem se descoberto que houve água em Marte, e é fácil supor que haja vida em alguma parte do universo. Estender-se no espaço, não é uma maneira imaginária de romper com essa claustrofobia?**

É obvio, mas se antes não resolvemos nossos problemas de civilização e de descolonização, fá-lo-emos nas piores condições. Reinventaremos a colônia, que se converterá em supercolônia. A colônia original – a colônia grega, por exemplo – pode emancipar uma sociedade. Mas também sabemos que terrível potencial destrutivo tem a colonização. Terá que se expor, pois, à questão dos danos do progresso e enfrentar as conseqüências dessa redução da Terra a nada. Quando Hannah Arendt diz que progresso e catástrofe são “anverso e reverso de uma mesma medalha”, quer dizer que terá que analisar cientificamente esta catástrofe da compressão temporária. Não podemos negá-la. Uma ciência que esteja à altura de sua reputação também deve analisar seus acidentes. Se não, aí temos os Chernobyls. E logo teremos os acidentes da clonagem. O que não significa que haja que deter o progresso. O progresso deve autocriticar-se, sabendo que a crítica é o fundamento da ciência. Não vi ciência digna desse nome que não se critique a si mesma.

**Impõe-se, pois, uma ecologia do virtual, das imagens e do progresso?**

Meu primeiro livro *A insegurança do território* era um ensaio peculiar sobre a situação atual do espaço e do tempo. A relatividade demonstra que, a certa velocidade, o tempo e o espaço se dilatam. Meu trabalho em velocidade e política ia no mesmo sentido: redefinir o espaço-tempo da modernidade, não só na cidade, mas também por meio dos meios de transporte e da guerra. Permito-me recordar que a guerra é algo que sempre acontece em algum lado. Uma vez que não sabemos quem é o inimigo terrorista e ninguém reivindica sua ação, o único que podemos fazer é analisar o lugar onde atua, seu campo de operações. Mas onde? Qual é esse lugar? O metrô, as torres, os teatros, os coletivos, os aviões. Tomemos o exemplo do metrô. Na Segunda Guerra Mundial, o metrô servia de refúgio antiaéreo. Hoje as piores atrocidades acontecem no metrô. Pensemos na seita Aum em Tóquio ou no último atentado em Moscou.

**Por que cidade pânico? Porque daqui para a frente todo o mundo teme o acidente em qualquer parte e em qualquer momento?**

Com este agravante: a possibilidade de que no futuro tenha atentados ao estilo Chernobyl. Já disse que Chernobyl foi um acidente do tempo, o primeiro de seu gênero. Porque o Titanic se afunda em um lugar determinado e preparado, e o mesmo acontece com um terremoto. Mas no Chernobyl o acidente segue durante décadas... Ninguém sabe, na realidade, quanto. Aqui o que se acidenta é o tempo, a duração. O espaço-tempo foi irradiado. E é inevitável que algum dia os terroristas utilizem isso. imagina ter que evacuar Paris por causa de uma bomba química

ou radiativa? Pensemos no impacto dos atentados contra o World Trade Center. E só foram duas torres! Imagine um atentado assim contra uma cidade...

### **Se a situação for tão trágica, por que não há nenhuma resistência?**

Porque vivemos na época da promoção: tudo vai muito bem, tudo vai melhor que ontem, a expectativa de vida cresce... A propaganda do progresso se tornou tão grave quanto a propaganda ideológica; a ideologia do progresso sem fim é tão berrante quanto as ideologias do totalitarismo. Não tenho nada contra as novas tecnologias, mas não suporto que as promova. É hora de que o progresso se autocritique, e não só ecologicamente – já partiu que se ocupam disso – mas também escatologicamente. A eficácia e a natureza do progresso criam uma hiperfragilidade que está acostumada a ser muito utilizada pelo terrorismo. Os terroristas não necessitam bombardeios, nem porta-aviões, nem artilharia, nem tanques; basta-lhes utilizar a fragilidade da cidade, onde tudo está concentrado. Se existir a possibilidade de gerar um medo absoluto - destruir um milhão de pessoas, por exemplo, ou arruinar toda uma região durante cem anos –, basta simplesmente ir reativando-o constantemente para criar uma tirania do medo.

## Memória

### **GREGORY BATESON, PENSAMENTO QUE VIVE**

*Traduzimos e reproduzimos, celebrando a memória do centenário de nascimento de Gregory Bateson, o artigo publicado no jornal italiano **Il Manifesto**, 13-5-04, de autoria de Marcello Cini. Marcello Cini é autor de, entre outros, **L'ape e l'architetto**. Feltrinelli, 1976, e **Dialoghi di un cattivo maestro**. Edizione Bollati Boringhieri, 2001. Os subtítulos são nossos.*

Durante uma convenção, seis anos atrás, me fiz as seguintes perguntas: “Por que Bateson, não obstante seja considerado por alguns como uma grande figura da cultura contemporânea, é ainda um *outsider*? Por que sua obra tem um reconhecimento tão escasso, seja como cientista, seja como filósofo? Por que, no fundo, é mais amado como ‘guru’ do que admirado pela originalidade e profundidade do seu pensamento?” Se hoje, ao celebrar o centenário de seu nascimento, recomeçássemos com as mesmas perguntas, chegaríamos mais ou menos às mesmas respostas. É indubitavelmente verdade, de fato, que os interrogativos dos quais Bateson parte na sua pesquisa são de uma tal generalidade a ponto de poderem ser superficialmente liquidados como genéricos e até mesmo presunçosos e ambiciosos. Tanto cientistas quanto filósofos, portanto, se não quiserem colocar em risco a sua credibilidade nas suas respectivas comunidades, devem pensar muito bem antes de formulá-los, para não sair dos caminhos traçados pelos estatutos metodológicos e epistemológicos que definem os seus limites. É talvez por isso que quem não tem familiaridade com a ciência, é fascinado pela possibilidade de encontrar, na crítica de Bateson ao reducionismo limitado, que não vê diferenças entre o mundo da vida e o “mundo não vivente das bolas de bilhar e das galáxias”, uma confirmação das próprias tentações de fazer “entrar o sobrenatural pela janela”. Deve-se, entretanto, acrescentar que o grande mérito de Bateson – um mérito, todavia, que até mesmo quem o admira e concorda com seu pensamento, às vezes, subestima – é de ter traçado o caminho para compreender o mundo da matéria vivente sem cair nos “dois pesadelos insensatos”, do “rude materialismo” e do “sobrenaturalismo romântico”, evitando constantemente fazer concessões aos seguidores de uma ou outra dessas duas insensatezes.

Assim sendo, tentemos compreender de que modo podemos partir dessa ocasião para contribuir no intuito de dar, finalmente, a esta extraordinária figura de “filósofo natural”, o lugar que ele merece dentro de uma cultura científica adequada às transformações que o mundo está sofrendo no início do século XXI. Tentarei fazer algumas considerações, à luz dos mais recentes progressos das várias disciplinas com as quais o seu pensamento teve relação direta ou indireta, partindo da constatação de que estamos frente a um singular paradoxo. De um lado, de fato, quanto mais o tempo passa, mais as idéias de Bateson parecem coerentes com o novo “espírito do tempo”, que está sendo forjado pelo amadurecimento dos conhecimentos nos dois âmbitos cada vez mais estritamente ligados ao estudo da vida e da mente. Por outro lado, todavia, este processo procede ignorando as antecipações pioneiras sugeridas pela arquitetura formal da batesoniana “trama que conecta” e alimenta-se, sobretudo, da generalização de contribuições particulares provenientes da prática de setores disciplinares diversos.

### **Idéias de Bateson: fundamento indispensável para as ciências da vida e da mente**

Talvez o paradoxo se resolva reconhecendo-se que, cada vez mais, as idéias de Bateson se revelam como o fundamento indispensável para as ciências da vida e da mente do “núcleo metafísico” (no sentido de Lakatos) de toda teoria adequada à riqueza e à complexidade daquele âmbito da realidade que ele chama de *criatura*. Dou alguns exemplos: - O primeiro refere-se à famosa rejeição ao dualismo cartesiano. Todos que tiveram algum contato com a obra de Bateson sabem que essa rejeição é um dos pontos fundamentais de sua obra. Já nos anos 1970, ele escrevia que os três instrumentos mais importantes do pensamento contemporâneo, criados por Descartes (a separação entre mente e matéria, as coordenadas cartesianas, o *cogito*: “penso, logo existo”), “simplesmente fragmentaram o conceito do universo em que vivemos.” Era uma afirmação bastante impopular para a época. Mas hoje é dividida pela maior parte dos cientistas e dos filósofos que se ocupam dos processos mentais. Cito um deles, o neurofisiologista Antonio Damasio, que intitula **O Erro de Descartes** seu livro sobre *Razão, Emoção e Cérebro Humano*. “O enunciado *Cogito ergo sum*, - explica -, levado ao pé da letra, exprime exatamente o contrário do que eu acredito ser verdadeiro com referência às origens da mente e à relação entre mente e corpo; ele sugere que o pensamento e a sabedoria do pensar sejam os verdadeiros substratos do ser. Ao contrário, nós somos, e logo, pensamos, a partir do momento em que o pensar é causado pelas estruturas e pelas atividades do ser.” - O segundo exemplo refere-se ao debate sobre a teoria da evolução biológica. No capítulo que Bateson considera o mais difícil e o mais importante de *Mente e Natureza*, ele expõe um esquema teórico desse processo, tão mais complexo do que o tradicional esquema darwiniano de duas componentes (a primeira constituída pela geração não finalizada de diversidade genética entre os indivíduos de uma população, e a segunda pela seleção daqueles dotados de características fenotípicas mais adaptadas à sobrevivência no ambiente dado, que são transmitidas à sua progênie). De fato, ele ainda subdivide cada uma das duas componentes do processo em dois momentos, uma aleatória e outra determinista. Na componente genética, ele acrescenta à geração casual de mutações, uma fase de seleção interna (epigenética), daquelas compatíveis com a estrutura global do organismo. Analogamente, individualiza a necessidade de acrescentar à componente da seleção fenotípica um elemento de aleatoriedade, representado pelos efeitos imprevisíveis da relação do indivíduo com o ambiente. Também, neste aspecto, as intuições de Bateson receberam surpreendentes confirmações. Refiro-me, em particular, ao último livro de Stephen J. Gould, **A estrutura da teoria da evolução**, no qual a teoria darwiniana é reformulada, no sentido de permitir-lhe atualizá-la e torná-la mais flexível, para incorporar os seus numerosos elementos provenientes de concepções diferentes, sem trair a sua premissa originária.

### **Três princípios darwinianos como base**

Substancialmente, a essência e a força da revolução darwiniana derivam de três princípios lógicos fundamentais. São eles, em ordem: a unicidade do sujeito da evolução (o organismo), a unicidade da causa (a seleção natural) e a unicidade do processo (a microevolução). É esta base que lhe consente de ampliar o primeiro, incluindo como possíveis sujeitos também unidades evolutivas superiores (espécies, ramos) e inferiores (células, genoma). O segundo, por sua vez, enriquece-se de efeitos, às vezes muito vistosos, devido a vínculos históricos, estruturais, processuais, que se acrescentam à seleção natural. No terceiro, enfim, à microevolução – que permanece fonte de mudança contínua e gradual no breve período – alinham-se fenômenos macroevolutivos, com andamento temporal feito de alternâncias de períodos de êxtase, interrompidos por rápidas mutações (equilíbrios pontuados), devido a múltiplas e freqüentemente imprevisíveis causas (catástrofes). A esta altura, fica claro que os desenvolvimentos da teoria, alimentados por uma enorme safra de novos dados de observação nas últimas décadas, dirigiram-se, mais uma vez, exatamente na direção, antecipada por Bateson, da necessidade de um enriquecimento do processo da evolução biológica por meio da alternância e da multiplicação de momentos deterministas e aleatórios, digitais e analógicos, em todos os níveis de organização da matéria vivente. Os dois exemplos poderiam se multiplicar. Limito-me a acenar ao crescente arco de disciplinas do homem e das sociedades que tendem a integrar (se não a substituir) uma abordagem puramente estrutural, modelada no exemplo das ciências exatas da natureza (a física em primeiro lugar), a uma abordagem evolutiva. Penso particularmente na lingüística como exemplo pertinente. O aceno à epistemologia batesoniana como “núcleo metafísico” para a construção de uma teoria adequada pode ser, nesses casos, particularmente, útil.

### **Elaboração de uma cultura dos limites e responsabilidades**

Enfim, seria uma grave omissão não acenar ao caráter fundamental que os temas que tomaram conta das reflexões de Bateson nos últimos anos de sua vida, tiveram a finalidade de elaborar uma cultura dos limites e das responsabilidades – cada vez mais urgente e indispensável para conseguir afrontar os dramáticos problemas que ameaçam a humanidade. Falo, obviamente, das suas observações sobre a conexão profunda que existe entre o âmbito da beleza e do sacro (as duas formas de compreensão emotiva não mediadas pela racionalidade) e o âmbito do inconsciente. Salieta-se, todavia, para evitar equívocos, que para Bateson, beleza e sacro são, como o inconsciente, categorias imanentes à “mente” e não provêm de entidades transcendentais. É esta conexão a base para afrontar, de um lado, as questões da degradação do ecossistema terrestre e, de outro, aquelas do entrelaçamento cada vez mais inextricável entre consciência científica e vínculos éticos, que caracteriza o desenvolvimento não só das ciências sociais, mas também daquelas da vida e da mente. Também neste caso, as antecipações de Bateson devem ser confrontadas com as mais recentes análises, por exemplo, de Jonas e Habermas. Abrem-se, portanto, muitos novos caminhos para percorrer. Temos boas razões para festejar este centenário.

---

## Deu nos jornais

### Plano Real faz dez anos

#### O Plano nasce da mistura de economia com a política

No fim de semana retrasado a imprensa brasileira deu particular importância aos dez anos do Plano Real. A população jovem brasileira, pelo menos sua maioria, tem como experiência apenas a moeda real e pouco lembra do período inflacionário dos fracassados planos Cruzado, Cruzado 2, Bresser, Collor e Collor 2. Em 1994, Itamar Franco estava na Presidência, após o afastamento de Fernando Collor e, nos primeiros oito meses de governo, já havia demitido três ministros da Fazenda. Luiz Inácio Lula da Silva liderava as pesquisas, seguido de Paulo Maluf, para as eleições presidenciais de 1994. Na economia a inflação, segundo Gustavo Patú, da **Folha de São Paulo**, 27/06/04, chegou a 40% em janeiro de 94, correndo o risco, neste ritmo, de terminar o ano em 5.500%. O País já não pagava integralmente sua dívida externa e estava fora do mapa dos investimentos estrangeiros que, na época, inundavam os países emergentes. Em maio de 1993, o Presidente Itamar Franco nomeou Fernando Henrique Cardoso, sociólogo de renome e uma das referências da esquerda nacional, como ministro da Fazenda. Fernando Henrique assumiu a pasta repetindo a cartilha que os economistas chamam de políticas ortodoxas, ou seja, combater a inflação por meio dos juros altos e do controle dos gastos públicos. Prometia aos empresários, trabalhadores, investidores e eleitores, que a economia não receberia tratamento de choque, como nos Planos anteriores, pelo congelamento de preços e salários.

#### Nasce a Unidade Real de Valor (URV)

Prometendo um Plano ortodoxo, Fernando Henrique montou uma equipe de economistas heterodoxos de renome, como Edmar Bacha, André Lara Resende e Pérsio Arruda, mentores do fracassado Plano Cruzado de 1986. Todos da PUCRJ, de onde também vieram Pedro Malan, Gustavo Franco e Winston Fritsch, incorporados à equipe econômica. A primeira medida da equipe foi cortar três zeros da moeda nacional e mudar o seu nome de cruzeiro para cruzeiro real. Posteriormente, em março de 1994, foi lançada a Unidade Real de Valor (URV), uma mistura de moeda e indexador. A URV coexistia com o cruzeiro real, valia US\$ 1 e corrigia salários e contratos. Assim, aos poucos, trabalhadores e empresários passaram a fazer suas contas em URV. O trabalhador sabia quanto ganhava em URV, e o empresário sabia quanto valiam seus produtos em URV. Segundo a equipe econômica, a URV deveria durar até sua plena adoção pela sociedade, talvez até o fim do ano de 1994. Porém, na visão política de Fernando Henrique, que, em abril, deixou o cargo de ministro da Fazenda para candidatar-se à presidência da República, pelo PSDB e com o apoio do PFL, o Plano deveria apresentar resultados mais concretos para sensibilizar o eleitorado. Deste modo, Fernando Henrique casava o Plano Econômico com suas pretensões políticas.

#### Nasce o Plano Real

No dia 1º de julho de 1994, a equipe econômica lançou o Plano Real, que consistiu no recolhimento das cédulas e moedas do cruzeiro real e no lançamento da nova moeda chamada de real. O real teria o mesmo valor da URV e do dólar em 1º de julho, ou seja, CR\$ 2.750. Tudo aconteceu conforme planejado. Porém, na opinião do economista Gustavo Patú, da **Folha de S. Paulo**, 27/06/94, Fernando Henrique e sua equipe econômica prepararam uma grande surpresa para o lançamento do Plano Real em 1º de julho: o real não poderia valer menos que



o dólar, mas poderia valer mais. E foi o que aconteceu, US\$ 1 podia ser comprado por R\$ 0,83. Com isso, os produtos importados ficaram mais baratos, obrigando os produtores nacionais a segurar ou a reduzir seus preços. Como consequência, a inflação despencou rapidamente e Fernando Henrique venceu as eleições presidenciais já no primeiro turno, derrotando Lula. Estava criada a estratégia de combate à inflação crônica, pelo aproveitamento da fartura de dólares no mercado global para segurar os preços altos. O Plano Real previa também um ajuste fiscal com metas monetárias rígidas, mostrando sua fidelidade ortodoxa.

### Primeiros problemas

Como a população queria cada vez mais reais, as metas monetárias, isto é, o controle do governo sobre a quantidade de reais em circulação na economia, foram descumpridas e abandonadas pela equipe econômica. Além disso, o dólar barato provocou uma enxurrada de importações e viagens ao exterior, tornando o País cada vez mais dependente do capital externo. A equipe econômica, porém, acreditava que o problema não era tão grave, em virtude da abundância de capital disponível no mundo. O susto veio com a crise do México, no final de 1994, em virtude da desvalorização do peso pelas perdas sucessivas das reservas em dólar do país. Mais tarde vieram as crises da Ásia, em 1997, e da Rússia, em 1998. O governo brasileiro se obriga a elevar as taxas de juros para atrair capital estrangeiro. Os juros altos, por sua vez, rompem com a promessa do equilíbrio fiscal, enquanto a dívida pública explode rapidamente. Cresce a desconfiança em relação ao Plano Real.

### Avaliação dos primeiros quatro anos (1994-98)

Um colecionador de estatísticas, afirma Gustavo Patú, da *Folha de S. Paulo*, 27/06/04, se assustaria com os resultados do Plano Real no final do primeiro mandato de Fernando Henrique, em 1998. Déficit comercial, juros altos, déficit público, dívida pública, dívida externa, desemprego, quase tudo nos maiores patamares da história recente. Na opinião da analista Fátima Fernandes, da *Folha de S. Paulo*, 27/06/04, além do controle da inflação, o Plano Real melhorou a distribuição de renda, aumentou o ganho dos trabalhadores e diminuiu a proporção de pobres, até 1997. Já a inflação, de mais de 1% ao dia no tempo do cruzeiro real, despencou para pouco mais de 1% ao ano. Uma estabilidade nunca vista desde os anos 1930, quando os índices de preços começaram a ser apurados no País. A promessa da continuidade dessa estabilidade foi o suficiente para Fernando Henrique derrotar novamente Lula no primeiro turno das eleições presidenciais, em 1998. A equipe econômica foi mudada e o plano foi reformulado, mantendo-se, porém, o nome da moeda e as taxas inflacionárias mais ou menos civilizadas. Dez anos após a implementação do Real, os indicadores econômicos e sociais do País mostram que boa parte das conquistas sociais, decorrentes da nova moeda, desapareceram: a desigualdade social se manteve alta, o desemprego aumentou e a renda dos trabalhadores caiu.

### Conquistas sociais não se sustentam

Para exemplificar, a jornalista Fátima Fernandes, da *Folha de São Paulo*, 27/06/04, afirma que em 1993, antes da nova moeda, a concentração de renda no País, medida pelo índice Gini, alcançava 0,60 - a escala varia de zero a um (se mais próxima de um, maior a desigualdade). Esse nível de concentração era um dos mais altos do mundo desde o início dos anos 1980. O rendimento médio mensal real do trabalhador (R\$ 547) era um dos mais baixos, e a proporção de pobres - 44% da população -, uma das mais altas. Com o Real, o índice Gini caiu para 0,58, de 95 a 97. Para 0,57, em 98, e para 0,56, de 99 a 2002. O rendimento médio mensal real pulou para a faixa de R\$ 700 e cresceu até 1997. A proporção de pobres ficou entre 33% e 35%

da população até 2002. Os efeitos do Real, continua Fátima Fernandes, começaram a perder força a partir de 1997, terceiro ano do primeiro mandato de FHC, por influência também da crise da Ásia, em 1997, e da crise da Rússia, em 1998. Nesta época, o rendimento médio real do trabalhador, que atingiu R\$ 725 em 1996, caiu, ano após ano, até 2002, quando chegou a R\$ 636, segundo o IBGE, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), em 2002. Somente na região metropolitana de São Paulo, a queda na renda do trabalhador foi de 33% entre 1995 e 2003 (de R\$ 1.384 passou para R\$ 928), segundo o Dieese. A manutenção da proporção de pobres na faixa de 34% a 35% da população – uma das mais elevadas do mundo – também mostra que os efeitos do Real tiveram um limite. “A pobreza diminuiu no início do Real, mas foi uma queda pontual, a desigualdade se manteve no País”, afirma Sônia Rocha, coordenadora de projetos do Instituto Brasileiro de Economia da FGV. Um ano após a implementação do Real, os 50% mais pobres da população brasileira ficaram com 13,3% do total de rendimentos do País, enquanto o 1% mais rico detinha 13,4%. Em 2002, esses percentuais foram de 14,4% e de 13,5%, respectivamente, segundo dados do Pnad. Para Mansueto Almeida, coordenador de estudos regionais do Ipea, o Real “cumpru seu papel, de estabilizar a inflação, mas falhou ao não gerar um padrão de crescimento para beneficiar os mais pobres”. A decisão do governo de manter uma política de juros altos contribuiu para que os efeitos do Real perdessem força, como mostra o indicador de participação do consumo das famílias sobre o PIB. Em 1996 e em 1997, essa participação era de pouco mais de 62%. Em 2003, foi de 56,9%. Em 1994, ano em que o Real foi lançado, a renda do trabalhador correspondia a 37,7% do PIB. Em 2002, caiu para 31,4%. Já a renda do capital subiu de 39% para 43%. A do governo, de 23,4% para 25,4%. “Essa dinâmica da distribuição da renda emperrou o crescimento da economia”, afirma Cláudio Dedecca, professor da Unicamp. Se os trabalhadores têm menos renda, consomem menos. A economia enfraquece e o desemprego cresce. Os dez anos do Plano Real deixaram um exército de 2,6 milhões de desempregados no País, número próximo da população de Curitiba. Só na região metropolitana de São Paulo, o estoque de desempregados chegou a 847 mil nos dez anos do Real. Nas seis regiões metropolitanas do País, a taxa de desemprego, que, de 1994 a 1997, estava na faixa de 5%, subiu para 7,6 em 98 e se manteve nesse nível até 2002, segundo pesquisa mensal de emprego, do IBGE.

### **Empresas e bancos lucraram com o Plano Real**

Segundo a *Folha Online*, 27/06/04, nos dez anos do Plano Real, o lucro líquido do setor produtivo no País somou R\$ 210,4 bilhões. O montante em 2003, o último ano com dados fechados, foi 135,1% superior ao verificado em dezembro de 1994. Nesse mesmo período, o lucro dos bancos foi ainda superior. Ao final de 1994, as instituições financeiras lucraram R\$ 3,1 bilhões. Em dezembro de 2003, o volume atingiu R\$ 11,5 bilhões – uma expansão de 273,4%. Nesse caso, estão incluídos 29 bancos de diferentes portes. O ganho conjunto dos dez maiores bancos teve um crescimento de 1.039% sobre 1994.

### **“Lula está preso numa gaiola de conservadorismo”**

“Eu, sinceramente, achava que ele conseguiria implementar uma política de centro-esquerda e que isso faria bem ao País. Infelizmente, a ação do Lula tem sido de direita. É o governo mais conservador desde a redemocratização”. A afirmação é do empresário Ivoncy Ioschpe em entrevista a *IstoÉ Dinheiro*, 23-6-04. Ioschpe é proprietário da indústria Ioschpe-Maxion, que produz vagões, chassis e autopeças e preside o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), um dos principais pólos de representação empresarial do País e centro do chamado pensamento desenvolvimentista. Na entrevista, o empresário afirma que “Lula está

preso numa gaiola de conservadorismo. E a culpa é da própria elite, que, nas eleições de 2002, alimentou um temor irracional em relação ao que o Lula poderia fazer. Foi por isso que, dois meses antes de eleito, ele assinou a tal Carta ao Povo Brasileiro, com as diretrizes de política econômica que têm sido seguidas. Como o mercado financeiro aplaudiu, o governo ficou refém do conservadorismo”. Respondendo à questão se o governo Lula tentará sair da situação em que se encontra refém, responde: “Um presidente entra para a História quando tem a coragem de ousar. Se Lula continuar adotando o caminho mais fácil, de simplesmente não desagradar o mercado, daqui a pouco seu mandato já terá passado. Tudo na vida tem um limite”. Comentando o tema da dívida externa, o empresário afirmou que “a Argentina é uma experiência nova e eles estão se propondo a pagar 30% dos bônus que emitiram. Ora, se a comunidade financeira internacional aceitar isso, nós teremos de admitir que somos uns babacas. Por que eles e não nós?”.

### **Dez anos de Plano Real e o mercado de trabalho. Uma catástrofe**

“O Plano Real, do ponto de vista do mercado de trabalho, foi quase uma catástrofe”. A afirmação é de Luiz Eduardo Parreiras, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), para **O Globo**, 27-6-04. A partir da análise do economista, a **Folha de S. Paulo**, 27-6-04, constata: “O Real estabilizou a economia, mas deixou um legado de 2,6 milhões de desempregados no país entre 1995 e 2002, número próximo ao da população de Curitiba, capital do Paraná. Só na região metropolitana de São Paulo, o estoque de desempregados chegou a 847 mil nos dez anos do plano”. A análise da **Folha** destaca que “nas estimativas do professor da Unicamp Anselmo Luis dos Santos, serão necessários de sete a oito anos para que a Grande São Paulo volte a ter a mesma taxa de desemprego verificada em 1994, de 14,2% em junho, medida pelo Dieese e pela Fundação Seade. Em abril deste ano, essa taxa foi de 20,7%. Para chegar a esse prazo, ele estimou que o Brasil crescerá 3,5% ao ano e que a relação produto/emprego seria de 0,87% (percentual obtido da média histórica dos últimos dez anos)”. “Só vamos chegar ao mesmo estoque de desempregados de 1994 [1,197 milhão] em um prazo de 14 a 15 anos”, diz o professor da Unicamp.

### **Dez anos de Plano Real segundo um antropólogo**

O Plano Real completa dez anos de lançamento. Comentando - para **O Globo**, 27-6-04 -, o período dos últimos dez anos do plano monetário urdido no final do mandato de Itamar Franco, o antropólogo Roberto DaMatta, professor do Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio, afirma: “É claro que o Real ajudou a eleger Fernando Henrique Cardoso. Mas de posse de um ativo, no caso a estabilidade, o povo passa a desejar um outro. Se um (FH) prometeu crescimento e o país não cresceu, então o povo chama outro (Lula). Se Lula não entregar o crescimento, vai ser trocado. E vai-se trocando até acertar. A construção da democracia é no dia-a-dia. É como no futebol: o torcedor aposta num time, mas se o título não vem, troca-se o técnico, os jogadores. O que não muda são a confiança no jogo, as regras da partida e a bola”. O antropólogo afirma ainda: “Acho a moeda estável um instrumento de governabilidade, de democracia fantástico! É evidente que o voto valia menos na época da inflação. A filosofia do ‘rouba-mas-faz’ só poderia ter acontecido numa sociedade inflacionária, onde ninguém sabia o valor de coisa alguma”.

### **Futuro sombrio para a juventude brasileira**

“Diga onde você nasceu, e eu digo a possibilidade de você ser alguém na vida”. A afirmação de Júlio Jacobo Waiselfisz, sociólogo e coordenador regional da Unesco em Pernambuco, resume a crueza dos dados do Relatório de Desenvolvimento Juvenil, organizado pela Organização das

Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco). A declaração do sociólogo dada ao jornal **O Globo**, 27-6-04, refere-se ao Índice de Desenvolvimento da Juventude (IDJ) do Nordeste. A matéria d' **O Globo** constata que "o Relatório de Desenvolvimento Juvenil traça um quadro sombrio para o Brasil e prevê uma situação ainda pior para o Nordeste. Na região são registrados os piores resultados da maioria dos nove indicadores usados na avaliação da qualidade de vida da população entre 15 e 24 anos". Das regiões do Brasil, o Nordeste aparece em último lugar, com um índice de 0,425. O IDJ foi baseado na metodologia utilizada para o cálculo do IDH, o Índice de Desenvolvimento Humano, com escala de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1, melhor o IDH. O mesmo acontece com o IDJ.

### **Governo Lula assume a bandeira do Software Livre**

O jornal espanhol **El País** em sua edição de 27-6-04, destacou que o governo Lula empunhou para valer a bandeira do software livre. Afirma a matéria: "O pingüim de Linus Torvaldes vai ter que se adaptar a um novo habitat. Do altiplano ao Amazonas, de Belém a São Paulo, uma febre se estende pelo quinto maior país do mundo, conhecido por suas paixões: o samba, o futebol e a partir de agora pelo software livre". A matéria destaca que desde junho, quando do 5º Fórum Internacional de Software Livre em Porto Alegre, o Brasil fez dos programas operativos comerciais, tendo o Windows à frente, inimigos a serem enfrentados. Segundo a matéria, o governo Lula não conseguiu atingir as expectativas de igualdade que o levaram à Presidência, frustradas que foram pela realidade econômica, porém no campo da administração eletrônica, com a ajuda da União Européia, o Brasil está se preparando para operar todos os seus sistemas de informática, tendo o Linux como protagonista. O manual - chamado de Guia Livre - que orienta o projeto de software livre brasileiro é o mesmo que tem inspirado a União Européia, destaca o **El País**: "Este Guia, baseia-se em um programa da UE, o Intercâmbio de Dados entre Administrações (IDA), que faz parte do plano *eEurope 2005*. Os motivos do governo federal do Brasil para uma mudança, que muitos temem, são as mesmas que fundamentam a Fundação do Software Livre (FSF) de Richard Stallman: é mais segura, evita freqüentes mudanças que são exigidas por ocasião do lançamento de novos sistemas e programas, permite independência tecnológica frente aos grandes monopólios informáticos - sempre estrangeiros - e fomenta o desenvolvimento local", conclui o **El País**.

### **Microsoft questiona governo brasileiro na Justiça**

A opção do governo federal pelo software livre - como o sistema operacional Linux - começa a ter desdobramentos na Justiça. A Microsoft, maior empresa de software do mundo, foi aos tribunais para exigir explicações de Sérgio Amadeu da Silveira, presidente do Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI), que pertence à Casa Civil. Ele é o principal defensor, no governo, do software livre, que pode ser modificado pelo usuário, não exige pagamento de licença e representa a maior ameaça à posição da Microsoft. A informações são d' **O Estado de S. Paulo**, 27-6-04.

### **Banco Central é autônomo na prática**

"A economia brasileira cumpre todos os requisitos necessários para tirar proveito da abertura dos mercados financeiros e crescer", disse o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, em Londres, na reunião do Banco da Inglaterra, conforme matéria na **Folha de S. Paulo**, 26-6-04. Para Meirelles os pressupostos importantes para a abertura financeira são "câmbio flutuante, sistema de metas de inflação com um BC com autonomia, um sistema financeiro sólido, um mercado de capitais funcionando eficientemente e um equilíbrio fiscal". Para ele o Brasil segue a risca esta cartilha. "A autonomia do BC é uma autonomia prática, como foi

afirmado pelo presidente da República em recente visita a Nova York. O Brasil tem um BC com autonomia prática para tomar decisões, que é o fator mais importante” disse Meirelles. O projeto que prevê a autonomia do BC, com mandatos fixos ao presidente e aos diretores da instituição, não foi enviado ao Congresso.

### **Interesse americano no transporte brasileiro**

Durante um encontro com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em Nova York, John Snow, secretário do Tesouro dos Estados Unidos, disse que há interesse de investir no setor de transporte do Brasil, segundo informação da agência **BBC**, 25-6-04. “Estamos estudando um grande número de projetos, que incluem pontes, estradas, rodovias e ferrovias”, afirma Snow. “Tais investimentos fariam parte de um projeto do FMI que envolveria também empresas públicas e privadas. Os governos de países em desenvolvimento poderiam retirar do cálculo de suas despesas orçamentárias os gastos realizados com obras em infra-estrutura”, disse a BBC. Antonio Palocci, ministro da Fazenda, acrescentou que o objetivo dos novos projetos em transporte “visam também a integrar física e comercialmente a América do Sul, que tem hoje significativo déficit nessa área”.

### **Indústria do seqüestro cresce na AL**

“Na América Latina floresce a indústria do seqüestro. A Colômbia encabeça a lista com suas guerrilhas, matadores e delinqüentes, que praticam milhares de ações ao ano”, informa o **El País**, 28-6-4. Na Argentina, proliferam os seqüestros de curta duração. O alvo são as pessoas que vão ao banco sacar dinheiro. Esse tipo de seqüestro é motivado pela crise que atravessa o país e pela conivência da polícia corrupta. No México, registram-se vários seqüestros desse tipo. De acordo com a matéria, no México, em 2003, foram 532 casos de seqüestros registrados oficialmente e fontes independentes falam em 3.000. “Fragilidade do Estado e uma mísera remuneração da polícia. São endemias que a democracia não consegue erradicar em parte de América Latina. Faltam leis, educação pública, serviços e uma justiça independente”, são as causas apontadas para o crescimento dessa lucrativa indústria de acordo com a matéria.

### **Brasil: retrato da sociedade contemporânea**

“O Brasil é o retrato da civilização mundial no início do século XXI. Tem os mesmos indicadores sociais e econômicos que o mundo, carrega a mesma tragédia social de desigualdade no mundo. As mesmas perversões sociais da civilização contemporânea e dispõe de todos os recursos necessários para construir uma sociedade decente”. A opinião é de Cristovam Buarque no artigo *A esperança ameaçada*, no jornal espanhol **El País**, 28-6-04. Cristovam diz que “a eleição de Lula trouxe uma nova esperança para a esquerda mundial. Acreditávamos que seria possível formar um governo comprometido com a responsabilidade fiscal, sem populismo, que retomasse o crescimento através do emprego e se enfrentasse com vigor os problemas sociais. Uma sociedade sem exclusão social como deveria ser todo o mundo”.

### **“A esperança ameaçada”**

Na avaliação de Buarque, depois de passado mais de um terço do mandato de Lula, “não se tem a mesma sensação de esperança nem dentro e nem fora do Brasil. Todavia há esperança, mas está carregada de um sentimento de dúvida e que se não for entendido com rapidez, o que permitiria reorientar a política socioeconômica, vai provocar uma das maiores frustrações da história social”. Para ele a pergunta depois de quase 18 meses de governo Lula, é “o que tem funcionado mal”. Para Buarque, “uma das explicações pode residir na origem do Partido dos

Trabalhadores (PT) e na formação ideológica do presidente Lula nos sindicatos da indústria de automóvel. O partido se serviu da base para a vitória, com sua mística, sua combatividade e sua organização que demonstrou sua competência na administração de municípios e estados, e encontra dificuldade para realizar uma revolução governando para o povo; saindo da reivindicação corporativa para desenvolver um programa global de transformação social”.

### **Uma esquerda comprometida com o econômico**

“A esquerda que chegou ao poder no Brasil com o presidente Lula está mais comprometida com a evolução da economia que com as mudanças sociais, mais com os professores e médicos do que com a educação e a saúde”. Para Buarque, é necessária uma proposta alternativa para Brasil no seu todo, pois no momento “o governo foi incapaz de atender a sua base, não quis e não tem sabido, reorientar seu projeto histórico para incorporar os pobres excluídos. Não tem sabido desenhar um projeto que defina claramente uma mudança na mentalidade brasileira: o aumento da demanda entre a parte endinheira para atender as necessidades da população marginalizada, o crescimento econômico para o desenvolvimento sustentável. E segue sem dizer que legado deseja deixar para as gerações futuras”, conclui Cristovam.

### **Perón. Um ginete que soube cavalgar a história**

Com este título, o jornal argentino *Clarín*, 1-7-04, dedica um caderno especial a Perón, por ocasião do 30º aniversário de sua morte. “Quando há 30 anos, no dia 1º de julho de 1974, Perón morria, a Argentina entrava numa outra etapa, pressentida no sentimento de orfandade, de angústia de quase toda a sociedade. Também havia mudado a história, uns 30 anos antes, no dia 17 de outubro de 1945, com sua consagração como líder popular”, escreve o diário argentino. E o jornal continua: “Nesse dia 1º de julho de 1974 choravam quase todos: os trabalhadores, que o tinham acompanhado desde o princípio e tinham aprendido dele, e lhe tinham ensinado - num processo dialético pelas suas contradições internas -, como se democratiza uma sociedade periférica, como se faz mais justa e autônoma através da geração de poder popular consciente”.

### **Perón. 30 anos depois**

“Trinta anos após a morte de Perón, em primeiro de julho de 1974, e das maiores honras populares a um chefe de Estado argentino, decifrar o peronismo continua sendo um desafio enfrentado com pouco êxito pelos historiadores. Versão ‘argentinizada’ do fascismo? Ou fascismo de esquerda? Alguns falam em variante do bonapartismo, outros em feitiço populista com o ornamento da beleza jovem de Eva Perón, ou simplesmente em pai dos ‘descamisados’, como o nosso Getúlio foi o pai dos pobres. Um elo de aproximação entre o peronismo e o getulismo que produziu traumas políticos e mobilizou a diplomacia americana”. Assim escreve o jornalista Newton Carlos, no artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, 1-7-04, recordando os 30 anos da morte de Perón. Segundo ele, “o peronismo foi o maior movimento de massas da América Latina, no qual se confundiam as cabeças de Perón e Evita”.

### **Os dez anos do Plano Real. Os aspectos brilhantes e bisonhos**

O Plano Real “teve aspectos brilhantes (a URV) e aspectos bisonhos (a política cambial)”. A avaliação é de Paulo Nogueira Batista Jr., economista, professor da FGV-EAESP, no artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, 1-7-04. Para ele, “na verdade, de brilhante mesmo o plano só teve a desindexação, elemento-chave no processo de rápida redução da inflação

iniciado há exatamente dez anos, em 1º de julho de 1994, com a conversão da URV na nova moeda. Infelizmente, o programa de combate à inflação foi conduzido sem a devida atenção aos seus impactos sobre a posição internacional do país. A política cambial foi um desastre completo e acabado. A longa e persistente sobrevalorização cambial do período 1994-1998 produziu estragos que até hoje não acabamos de digerir. O real forte prejudicou o setor exportador, estimulou importações e viagens ao exterior e contribuiu para um rápido aumento das obrigações internacionais do país”. Segundo o economista, a alarmante vulnerabilidade externa nos tornou “desde o final de 1998, viramos clientes cativos do Fundo Monetário Internacional”. E continua: “Um dos principais instrumentos de defesa da frágil posição externa era a taxa de juro, que se mantinha em níveis sempre elevados e aumentava para patamares estratosféricos nos momentos de grande instabilidade. A economia passou então a oscilar entre a recessão e períodos de crescimento medíocre. Os juros altos contribuíam, ademais, para concentrar a renda nacional, aumentar o serviço da dívida pública e desestabilizar as finanças do governo”.

### **FHC. Um artista da política**

Analisando o décimo aniversário do Plano Real, Paulo Nogueira Batista Jr. comenta o legado de Fernando Henrique Cardoso, afirmando: “O que aconteceu no campo das contas públicas foi simplesmente espantoso. Durante o período Fernando Henrique Cardoso, conseguiu-se produzir a seguinte e extraordinária combinação. Primeiro: o maior aumento da carga tributária de que se tem notícia na história do país. Segundo: a venda de grande parte das empresas estatais, inclusive algumas das melhores e mais importantes. Terceiro: um enorme crescimento da dívida pública. Uma proeza, convenhamos. Não é para qualquer um”. E conclui: “Temos que reconhecer que Fernando Henrique Cardoso, à sua maneira, foi um artista da política. Fez todos esses estragos nas finanças públicas e nas contas externas do país, mas saiu com imagem de sério e fama de responsável...”.

### **O preço da estabilidade da moeda tem sido altíssimo**

“O preço a ser pago, por sua vez, pela estabilidade da moeda e por uma inflação ‘civilizada’ tem sido altíssimo. O Brasil, que cresceu a taxas anuais próximas a 10% entre as décadas de 1930 e 1970, cresceu apenas 2,2% ao ano durante a vigência do real. O índice de desemprego, que era de 5,1% em 1994, subiu para 12,2% agora. O total de impostos pagos - 28,6% do PIB em 1994 - chegou ao ano passado a 36,1%. Para manter, a duras penas, a taxa de câmbio na situação atual, em que um dólar vale cerca de três reais, o governo anterior e o atual mantiveram taxas de juros que estão entre as mais escorchantes do mundo. Parcela crescente da renda nacional é transferida do setor produtivo para a especulação financeira. Um crescimento de 3,5% neste ano, se ocorrer, é considerado um resultado ‘bom’. O Brasil trocou de algoz: juros em vez de inflação”. A constatação é de Otávio Frias Filho em artigo publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, 1-7-04.

### **O salário mínimo nos dez anos do Real**

Nos dez anos do Plano Real, o salário mínimo teve aumento de 25% acima da inflação. Mas ainda está longe de recuperar seu poder de compra em relação a 1940, ano em foi criado no governo de Getúlio Vargas. A conclusão faz parte do estudo *Dez Anos do Real*, elaborado por técnicos do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese). A notícia está publicada no jornal **Folha de S. Paulo**, 1-7-04. Em 1994, ano em que o plano foi lançado, o valor real (descontada a inflação) do mínimo era de R\$ 196,63. Em maio passado, era de R\$ 245,25. Para chegar a esses valores, foram usadas as médias anuais atualizadas

(para maio de 2004), sem incluir o 13º salário. Em valores nominais, o mínimo correspondia a R\$ 64,79 em julho de 1994 e a R\$ 260 em maio deste ano. Há dez anos, o mínimo não comprova sequer uma cesta básica, que custava R\$ 67,40 em São Paulo. Em maio deste ano, a cesta valia R\$ 168,68. “O salário mínimo teve aumento real de 25% nos últimos dez anos. Houve, ano a ano, uma pequena recuperação. Mas seu valor ainda está 30,6% abaixo do de 1940, quando foi criado [R\$ 848,91 - atualizado para maio de 2004]”, diz José Maurício Soares, economista e técnico do Dieese. “Nem precisa ir tão longe. Com o salário mínimo pago no Plano Cruzado [em março de 1986, correspondia a R\$ 804], o trabalhador podia comprar 536 passagens de ônibus [R\$ 1,50]. Hoje, o salário mínimo de R\$ 260 compra 152 passagens [R\$ 1,70] e sobra R\$ 1,60 no bolso do trabalhador”, afirma Soares.

### O impacto do salário mínimo na economia

Em estudo sobre o impacto do mínimo na economia, Claudio Dedecca, professor da Unicamp, avalia que um aumento de 11% poderia minimizar o elevado desemprego enfrentado pelo país e injetar cerca de R\$ 50 bilhões na massa salarial entre 2004 e 2005. A notícia está publicada no jornal **Folha de S. Paulo**, 1-7-04. Cerca de 22 milhões de trabalhadores recebem até um mínimo no País, o que corresponde a 32% dos 68 milhões de ocupados. Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2002, do IBGE. Outros 21 milhões recebem até dois salários mínimos (hoje, até R\$ 520).

### Bancos fazem fortuna com o Real. Desemprego subiu. Renda da população caiu.

Nenhum setor acumulou tantos lucros ao longo dos dez anos do Plano Real quanto o bancário. Pesquisa divulgada dia 30 de junho pela consultoria Econômica mostra que entre as dez empresas de capital aberto com os maiores lucros entre 1994 e 2004, quatro são bancos: Itaú, Bradesco, Banespa e Unibanco. Juntos, acumularam lucro líquido de R\$ 51,3 bilhões - 39% dos R\$ 131,7 bilhões obtidos pelas dez maiores empresas. No mesmo período, a inflação foi controlada, mas o desemprego subiu e a renda da população caiu. A notícia está publicada no **Jornal do Brasil**, 1-7-04. “Os bancos têm obtido lucros elevados a partir da combinação de dois fatores principais, que são os *spreads* (diferença entre o que o banco paga para captar dinheiro e o que cobra na hora de emprestar) maiores no Brasil do que em qualquer outra parte do mundo, e os altos juros. E nada indica que este quadro vá se alterar” - diz Erivelto Rodrigues, sócio da consultoria Austin Assis, especializada no setor.

### Em 2003, lucro das 500 maiores empresas subiu 1.048%

O lucro das 500 maiores empresas do País, segundo o anuário “Melhores e maiores”, da revista **Exame**, aumentou 1.048% no primeiro ano do governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Somado, o ganho passou de US\$ 1,8 bilhão em 2002 para US\$ 21 bilhões no ano passado. É o maior lucro do conjunto dessas empresas no período do Plano Real, lançado há dez anos. De acordo com a publicação, esse resultado foi fruto da queda na taxa do câmbio e de decisões gerenciais acertadas, como controle de despesas e investimentos. A notícia está publicada no jornal **O Globo**, 1-7-04. Segundo o anuário, as empresas estrangeiras representaram 41,2% das vendas totais. As nacionais privadas ficaram com 39,6% e as estatais, com 19,2%.

### A reforma agrária de Lula

O governo federal encerrou o primeiro semestre com apenas 46% de sua meta de assentamentos de famílias de trabalhadores rurais cumprida. A promessa era beneficiar 47 mil famílias, mas 22 mil foram assentadas entre janeiro e junho deste ano, de acordo com o



balanço divulgado dia 30 de junho. Até dezembro, a meta é assentar 115 mil famílias. O número faz parte do segundo Plano Nacional de Reforma Agrária, anunciado no fim de 2003 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Em 2003, só 36 mil foram beneficiadas - a promessa era 60 mil. A política de reforma agrária do atual governo, uma das principais bandeiras petistas em épocas de campanha, tem sido alvo de críticas tanto do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) como da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag). Na segunda-feira, em evento no Planalto, líderes sem terra disseram isso diretamente ao presidente.

### **Os argentinos “exportam” dinheiro. Mais da metade da dívida externa**

“Os argentinos levaram mais dinheiro para o exterior” é a manchete principal do jornal argentino **Clarín**, 1-7-04. Segundo o jornal, a soma supera 100 bilhões de dólares. É mais da metade da dívida externa argentina. Num ano, a quantia subiu 8 bilhões de dólares. Mais de 95% do dinheiro está em efetivo, bônus, depósitos bancários e ações. O resto são propriedades.

### **PUC/Rio. A influência na política econômica brasileira**

O controle da área econômico-financeira dos oito anos do governo Fernando Henrique foi dado por economistas vinculados ao que se denominou de ‘escola econômica da PUC’ do Rio. Foi em torno do Departamento de Economia da PUC/Rio e de seu curso de pós-graduação, cujos pioneiros foram Edmar Bacha e Francisco Lopes, que Pedro Malan, Gustavo Franco, Pérsio Arida, André Lara Resende, Edward Amadeo e Winston Fritsch estudaram; posteriormente, figuras importantes no governo FHC e na formulação do Plano Real. A PUC do Rio destacou-se não somente na elaboração do Plano Real, mas tinha fortes ligações com o grupo de economistas que formulou o chamado ‘Consenso de Washington’. John Williamson - um dos formuladores do Consenso de Washington - foi professor no Departamento de Economia da PUC/Rio entre 1978 e 1981, assim como um dos outros famosos participantes do ‘Consenso’, Rudiger Dornbusch, professor do Massachusetts Institute of Technology (MIT). Outro traço marcante do grupo da PUC/Rio é que praticamente todos os seus integrantes fizeram doutorado nos Estados Unidos, predominantemente em Harvard (Francisco Lopes, Gustavo Franco, Edward Amadeo) e no MIT (Pérsio Arida, André Lara Resende). Por tudo isso causou estranheza quando, em maio do ano passado, quando tinha duas vagas para preencher na diretoria do Banco Central, o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, bateu na porta do Departamento de Economia da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio e tirou de lá dois professores. O jornalista Ricardo Balthazar em matéria para o suplemento especial d’**O Valor**, 30-6-04 - sobre os dez anos do Plano Real, lembrando o fato, afirma que repórteres manifestaram estranheza pela escolha, mas Palocci reagiu com espanto: ‘O que vocês têm contra a PUC?’. “É uma boa pergunta”, afirma o jornalista e complementa, “Professores e ex-alunos da PUC dirigiram a política econômica durante boa parte das últimas duas décadas e ocuparam postos-chaves nos dois mandatos do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Muitas pessoas pensaram que eles seriam postos para fora assim que os petistas chegassem a Brasília, mas isso não ocorreu”.

### **O prestígio da PUC/Rio – afinidades com o pensamento do atual governo**

O jornalista continua: “Berço dos economistas que desenharam o Plano Real, a PUC ganhou força com o êxito do plano. Muitas de suas idéias passaram a ser vistas com ceticismo depois, quando a sucessão de crises que o Brasil atravessou tornou evidentes vários pontos frágeis das políticas que eles patrocinaram. Embora os economistas da escola ocupem menos cargos no atual governo, seu prestígio permaneceu. Três diretores do Banco Central são ligados à

PUC. Os principais assessores de Palocci têm bastante afinidade com o que se pensa na escola. E é difícil encontrar diferenças entre a política econômica conduzida por Palocci e a do governo passado”, conclui.

### Os ícones do Plano Real, dez anos depois

A dentadura, o frango, o pão francês e o iogurte foram transformados pelo governo Fernando Henrique em ícones da estabilidade. A equipe econômica da época dizia que o Real possibilitava à classe baixa planejar gastos e comprar o que antes era caro demais. A esse respeito, a **Rádio Bandeirantes**, em matéria que foi ao ar em seu jornal matinal, 30-6-04, noticiava: “A dentadura foi classificada como um dos ícones da estabilidade econômica. O controle da inflação permitia a população de baixa renda programar gastos e economizar para comprar o que era tido até então como supérfluo. Mas dez anos depois, se fosse possível fotografar o rosto do Plano Real, a imagem surpreenderia: na boca não há dentes.” Levantamento realizado pela Fundação Osvaldo Cruz revelou que 24,5 milhões de pessoas, ou 14,4% da população brasileira está desdentada. De acordo com a pesquisa, a situação é ainda pior entre as mulheres pobres com mais de 50 anos. Mais da metade delas não possui dentes. 45% não têm sequer escova dental. O presidente do Conselho Federal de Odontologia, Miguel Nobre, diz que os números continuam tão ruins como era há uma década: “É escandaloso... escandaloso, o importante é que o povo tem uma renda tão pequena que se isso não for dado pelo governo, tudo é caro”.

### Desemprego é a chave para popularidade do presidente

“Os sinais de recuperação - na economia - são positivos e podem influenciar nas eleições de outubro se as ações desencadeadas neste semestre chegarem a tempo na ponta dos beneficiados. Mas os gargalos estruturais ainda estão bloqueando a pista de decolagem. A associação entre taxa de juros e emprego, por exemplo, começa a ser percebida pela população. Qualquer derrapagem na condução da economia ou sinal de incapacidade na indução do crescimento será fatal para o presidente na eleição de 2006”. A análise é de Nelson Breve em artigo - com o título acima - para a **Agência Carta Maior**, 30-6-04. Continua ele: “Isso está sinalizado nos cenários de intenção de votos capturados pela pesquisa. Se a eleição fosse hoje, Lula teria o mesmo patamar de votos obtido no primeiro turno de 2002 (34,2%). Com o presidente do PSDB, José Serra, no páreo, Lula receberia 30% dos votos. Se o adversário fosse o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, o índice aumentaria para 33%. A diferença é que Serra teria 25% dos votos, segundo a projeção - 50% mais que os 17,1% que recebeu no primeiro turno de 2002. Mais três dados chamam atenção nessa projeção das eleições presidenciais.” E continua: “Os candidatos Ciro Gomes (ministro da Integração Nacional) e Antony Garotinho (secretário de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro) continuam sendo referência para a mesma parcela do eleitorado que os escolheu no primeiro turno de 2002. A preferência pelos dois oscila entre 10% e 14% dependendo do cenário. A senadora Heloisa Helena (PSOL-AL) já tem um eleitorado cativo de 3% a 4% - bem maior que a soma dos candidatos da extrema esquerda na eleição passada (0,35% para Zé Maria do PSTU e 0,03% para Rui Pimenta do PCO). E o presidente FHC teria dificuldade para chegar ao segundo turno. Apenas 16% votariam nele novamente - a diferença para Ciro e Garotinho ficaria dentro da margem de erro de três pontos percentuais. Parece que o eleitor está rejeitando a repetição de experiências que priorizaram a estabilidade mas não deram conta de criar condições para o País crescer, gerando empregos e promovendo a inclusão social. É melhor Lula prestar atenção no recado e tomar cuidado”.

### **'Celebridade' revela nossas ambigüidades**

“Apesar da tragédia que continua acontecendo no Iraque, da disputa em torno do salário mínimo, que afeta a vida de milhões de trabalhadores brasileiros, e de tantos problemas graves e sérios que merecem atenção prioritária, o que polarizou a atenção do brasileiro mesmo, na semana passada, foi a novela *Celebridade*”, afirma Maria Clara Lucchetti Bingemer, teóloga da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em artigo intitulado *Ambigüidade*, publicado no **Jornal do Estado**, 29-6-04. Para Bingemer o elemento que merece uma reflexão mais profunda é o imenso sucesso que a personagem de Laura, a vilã, a sem escrúpulo provocou nos telespectadores, superando em muito a simpatia pela Maria Clara, a personagem principal. Na opinião da teóloga, esse elemento revela a vida real. “A ambigüidade que habita no fundo de cada um de nós e que se disfarça e traveste de muitas fantasias, escondendo seu verdadeiro rosto sob muitas máscaras e muitos nomes. Caminha disfarçada com idéias bem articuladas, sentimentos luminosos e fomes inconfessadas”, afirma Bingemer.

### **A sedução das palavras**

“Jovens caem diariamente nas mãos de fascinantes e hábeis traficantes que os convencem a embarcar nos paraísos artificiais e nas viagens sem volta; mulheres acreditam em homens e homens acreditam em mulheres e apostam suas vidas em promessas que são rompidas subitamente, deixando afetividade e corações destroçados” e tudo por conta da ambigüidade que habita em nós, diz Bingemer.

### **Reconhecer nossas limitações profundas**

Para Bingemer, Laura, a personagem má, que tanto fascinou, mas não foi só pelo talento, “na verdade revela as nossas profundidades abismais e ignoradas, as quais descobrimos não estarem sequer ainda batizadas! Não é o caso, porém, de sentirmos culpa ou ansiedade. Mas sim, de reconhecer humildemente que somos ambíguos porque humanos”. Conclui o artigo dizendo que é preciso “pedir ao Senhor, que, é também Criador, que, como no primeiro dia da criação, nos busque e liberte ali onde somos treva e engano. E consentir que seu Espírito nos ordene ali onde ainda somos caos originário e difusa ambigüidade”.

### **A Internet está na adolescência**

A Internet tem tido grande êxito e muitos julgavam que ela havia “chegado à sua idade madura”. Mas, para o teórico e catedrático de Economia aplicada José B. Terceiro, “ela apenas saiu da infância” em afirmação para o **El País**, 29-6-04. Terceiro compara o desenvolvimento da tecnologia com o que viveu a aviação: “passaram 24 anos entre o primeiro vôo dos irmãos Wright, em 1903, e a primeira travessia transatlântica. Também passou 24 anos entre o antecessor imediato da rede até hoje. Portanto, a Internet esta agora mesmo em sua travessia transatlântica”. O autor do livro **Socied@de digit@l** destaca um aspecto das novas tecnologias: “Dado seu custo cada vez menor, as barreiras de acesso tradicional a tecnologia estão desaparecendo, porque o seu acesso em países em desenvolvimento está cada vez mais simples”.

*A editoria Deu nos jornais foi elaborada em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT.*

## Frases da semana

### José Alencar e a economia

“A Constituição de 1988 acabou com a censura. Exceto a censura de bater na taxa de juros existente. Essa censura existe. Eu tenho sofrido e sido vítima dessa censura”. - **José Alencar**, vice-presidente da República - *Folha de S. Paulo*, 29-6-04.

“Nunca houve na história do Brasil maior transferência de renda oriunda da produção - o que, vale dizer, do trabalho - em benefício do sistema financeiro nacional e internacional”. - **José Alencar**, vice-presidente da República - *Folha de S. Paulo*, 29-6-04.

### Contradição no salário mínimo

“A resolução é inusitada: pela primeira vez na história, um partido popular, de viés socialista, reprova quem defendeu um salário um pouco maior para quem menos ganha”. - **Chico Alencar**, deputado federal - PT-RJ -, comentando a reprimenda da direção do PT aos deputados e senadores que votaram por um aumento maior do salário mínimo - *Folha de S. Paulo*, 29-6-04.

### Diferentes Brasis

“O Brasil de Brizola e Jango era infinitamente mais promissor do que o Brasil de 2004. O qual tem muito pouco a prometer”. - **Mino Carta**, jornalista - *Carta Capital*, 19 a 25 de junho de 2004.

### A importância de Itamar Franco

“Sem Itamar, não teria havido real, não teria havido FHC, não teria havido equipe, não teria havido nada. As pessoas não valorizam adequadamente o papel de Itamar”. - **Rubens Ricupero**, secretário geral da Unctad e ex-ministro da Fazenda - *Folha de S. Paulo*, 27-6-04.

### Função do Real

“Não era função do real [a moeda] garantir crescimento, gerar empregos. Isso é função da política econômica”. - **Fernando Henrique Cardoso**, ex-presidente da República - *Folha de S. Paulo*, 1-7-04.

“O real não foi lançado para resolver todos os problemas do Brasil”. - **Pedro Malan**, ex-ministro da Fazenda - *Folha de S. Paulo*, 1-7-04.

### O último discurso de Perón

“Meu único herdeiro é o povo”. - **Juan Domingo Perón**, no último discurso na Plaza de Mayo, no dia 1º de maio de 1974 - *Clarín*, 1-7-04.

“Eu não vim consolidar a dependência, mas lutar pela libertação”. - **Juan Domingo Perón**, no último discurso na Plaza de Mayo, no dia 1º de maio de 1974 - *Clarín*, 1-7-04.

### Brasil: país disciplinado fiscalmente

“Foi uma boa, excelente notícia para o Brasil. Não devemos ter um processo de elevação abrupta dos juros americanos, e um país muito disciplinado fiscalmente, como vem se mostrando o Brasil, não deve ser afetado pelo processo”. - **Walter Molano**, diretor da BCP Securities, comentando a alta dos juros nos EUA - *Folha de S. Paulo*, 1-7-04.

“No Brasil, mesmo um governo de oposição de esquerda não tem alternativas porque não há alternativas. É preciso ter responsabilidade fiscal. E acho que essa é a melhor novidade desse governo. Em outras áreas, o governo não tem mostrado sucesso na gestão, mas tenho esperança de que melhore seu desempenho”. - **Gustavo Franco**, ex-presidente do Banco Central no governo FHC falando sobre a política econômica do governo Lula, - **Valor Econômico**, 30-6-04.

## O Partido dos Trabalhadores

“A coligação com o PTB na eleição proporcional do Rio, para a Câmara Municipal, é um desatino prático e político. O PT, seguramente, perde uma vaga. E garantirá um mandato que não terá qualquer ponto em comum com o ideário do nosso partido”. - **Chico Alencar**, deputado federal - PT/RJ - **O Globo**, 1-7-04.

“Quem votar em qualquer candidato do PT estará ajudando a eleger, por exemplo, o Carlos Bolsonaro, que compartilha com o pai deputado federal o horror aos direitos humanos e a rejeição ao próprio PT, classificado pelo deputado que orienta o mandato do filho como ‘Partido dos traíras’. Esta coligação é, portanto, uma aberração à lógica política. Com esta inusitada coligação, nasce o PT da diluição e fica ainda mais debilitado o PT da convicção”. - **Chico Alencar**, deputado federal - PT/RJ - **O Globo**, 1-7-04.

“O governo do PT inventou uma fórmula: a socialdemocracia neoliberal com retórica radical da esperança. Mas o Lula não está mentindo quando adota a retórica radical em seus discursos. Mesmo fazendo um governo eminentemente neoliberal, ele está presente naquela retórica. Desse ponto de vista, ele é uma figura trágica - no melhor sentido”. - **Contardo Calligaris**, psicanalista, em entrevista à **Playboy**, junho 2004.

“A vitória do PT fez o cinismo natural do cidadão brasileiro entrar em crise. Mesmo quem não votou no PT pensava, que pelo menos, ia dar em algo diferente. Por um breve período, a imagem que tínhamos do Brasil correspondeu ao que gostaríamos que fosse. Com as crises recentes, essa imagem ruiu e o cinismo natural do brasileiro voltou. Todos sofremos com isso”. - **Contardo Calligaris**, psicanalista, em entrevista à **Playboy**, junho 2004.

# EVENTOS IHU

Participe das atividades do Instituto Humanitas Unisinos

## Ciclo de estudos sobre “O método”, de Edgar Morin

Com o objetivo de possibilitar um primeiro acesso e um maior aprofundamento do paradigma da complexidade a partir da obra **O Método** de Edgar Morin, continua no segundo semestre de 2004 o evento **Ciclo de estudos sobre “O método”, de Edgar Morin**, promovido pelo IHU.

Confira a programação até o final do ano e agende-se:

**Dia 05/08** - Seminário sobre O Método IV: As Idéias

Ministrante: Prof. Dr. Álvaro Luiz Montenegro Valls - Doutor e Mestre em Filosofia - Universität Heidelberg, Alemanha. Professor e pesquisador na Unisinos.

**Dia 19/08** - Seminário sobre O Método V: A humanidade da humanidade. A Identidade Humana  
Ministrante: Prof. Dr. Inácio Neutzling - Doutor em Teologia - Pontificia Università Gregoriana, Roma. Mestre em Teologia - PUCRJ. Professor e pesquisador na Unisinos.

**Dia 02/09** - Seminário sobre "A Educação no Paradigma da Complexidade"  
Ministrante: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valdemarina Bidone de Souza e Azevedo - Doutora e mestre em Educação - PUCRS. Professora e pesquisadora na PUCRS.

**Dia 16/09** - Seminário sobre "O Direito no Paradigma da Complexidade"  
Ministrante: Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - Pós-doutor em Direito - Università degli Studi di Lecce, Itália. Doutor em Direito - École des Hautes Études en Sciences Sociales, França. Professor e pesquisador na Unisinos.

**Dia 07/10** - Seminário sobre "A Saúde no Paradigma da Complexidade"  
Ministrante: Prof. Dr. Naomar Monteiro de Almeida Filho - Doutor em Epidemiologia Antropologia Médica - University of North Carolina, Estados Unidos. Professor e pesquisador na UFBA.

**Dia 21/10** - Seminário sobre "A Economia no Paradigma da Complexidade"  
Ministrante: Prof. Dr. Ricardo Augusto Alves de Carvalho - Doutor em Sociologia das Mutações - Université de Paris VII, U.P. VII, França. Professor e pesquisador na UFMG.

**Dia 11/11** - Seminário sobre "A Epistemologia do Paradigma da Complexidade"  
Ministrante: Prof. Dr. Carlos Roberto Velho Cirne Lima - Livre-docente em Filosofia Geral, Lógica e Ética - UFRGS. Doutor em Filosofia - Universität Innsbruck, Áustria. Professor e pesquisador na Unisinos.

## IHU Idéias

No próximo dia 5 de agosto, o evento semanal **IHU Idéias**, retoma suas atividades. Acompanhe, a seguir, a programação do mês. **IHU Idéias** é um evento gratuito que acontece todas as quintas-feiras, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU.

**05/08/04** – “Ética e mídia”- Prof. Dr. Pedrinho Arcides Guareschi – PUC/RS

**12/08/04** – “Cinema de arte x cinema de entretenimento: o debate crítico e o ensino de audiovisual” - Prof. Dr. Fernando Soares Mascarello – Unisinos

**19/08/04** – “O modo de objetivação jornalística. Práticas de jornal sob uma perspectiva foucaultiana”- Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Beatriz Alcaraz Marocco – Professora na Unisinos

**26/08/04** – “Getúlio, 50 anos depois”- Prof. Dr. Juremir Machado da Silva – PUC/RS

## II Ciclo de Estudos sobre o Brasil

O segundo módulo do **II Ciclo de Estudos sobre o Brasil** tem data de início marcada para o próximo dia 12 de agosto. As inscrições podem ser feitas no setor de Admissão e Matrícula da Unisinos, custam R\$ 35,00 e encerram no dia 11 de agosto.

---

**Confira o programa completo do evento:****Data: 12 de agosto**

Livro: "O povo brasileiro", de Darcy Ribeiro  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivete Keil – Professora na Unisinos  
Horário: 14h às 17h.  
Local: Sala 1G119.

**Data: 09 de setembro**

Livro: "Os parceiros do Rio Bonito", de Antonio Candido  
Prof. Dr. Paulo Seben de Azevedo – Professor na UFRGS  
Horário: 14h às 17h.  
Local: Sala 1G119.

**Data: 30 de setembro**

Livro: "Pedagogia do oprimido", de Paulo Freire  
Prof. Dr. Danilo Romeu Streck – Professor na Unisinos  
Horário: 14h às 17h.  
Local: Sala 1G119.

**Data: 14 de outubro**

Livro: "O continente", de Erico Veríssimo  
Prof.<sup>a</sup> MS Eliana Inge Pritsch – Professora na Unisinos  
Horário: 14h às 17h.  
Local: Sala 1G119.

**Data: 04 de novembro**

Livro: "Grande sertão veredas", de Guimarães Rosa  
Prof. MS Rogério Mosimann da Silva – Professor na UCPel  
Horário: 14h às 17h.  
Local: Sala 1G119.

**Data: 18 de novembro**

Livro: "Dialética da colonização", de Alfredo Bosi  
Prof. Dr. Jaime Ginzburg – Professor na USP  
Horário: 20h às 22h.  
Local: Auditório Central.

## Era Vargas em Questão

Por ocasião do cinquentenário da morte de Getúlio Vargas, surge a necessidade de debater o legado da Era Vargas. O Instituto Humanitas Unisinos, em parceria com o Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos, promove o **Seminário Nacional Era Vargas em Questão**. O evento se realizará de 23 a 25 de agosto de 2004, na Unisinos e tem como objetivos analisar criticamente a Era Vargas; refletir sobre o seu significado para o desenvolvimento socioeconômico brasileiro; e descrever os principais aspectos econômicos, sociais, educacionais, políticos e culturais da Era Vargas. O Seminário é dirigido à comunidade

acadêmica da Unisinos e das escolas de Ensino Médio da região metropolitana de Porto Alegre. Será fornecido certificado de participação aos inscritos, que deverão pagar a taxa de R\$ 50,00.

Paralelamente às conferências e oficinas do evento, ocorrerá a *Exposição Era Vargas em Questão*, de 23 de agosto a 22 de setembro de 2004, no Espaço Cultural do IHU, aberta à visitação.

### **Confira o programa:**

#### **23 de agosto**

20h às 21h15min - Palestra: A Era Vargas: o seu impacto na história sociopolítica brasileira – Prof. Dr. Luiz Werneck Vianna – IUPERJ

Coordenador da mesa: Prof. Dr. Werner Altmann - Unisinos

21h15min às 22h - Debate

#### **24 de agosto**

9h às 10h15min – Era Vargas: seu contexto socioistórico, político e econômico – Prof. Dr. Marco Antonio Villa – UFSCAR

Coordenadora da mesa: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eloísa Capovilla da Luz Ramos - Unisinos

10h30min às 11h30min - Debate

14h às 17h – Oficinas:

OF001 Vargas e Perón: uma confluência no populismo e seu contraponto cardenista – Prof. Dr. Werner Altmann – Unisinos – Sala 1C108

OF002 A política educacional na Era Vargas – Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Berenice Corsetti – Unisinos– sala 1C109

OF003 A cultura na Era Vargas – Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eloísa Capovilla da Luz Ramos – Unisinos– sala 1C110

OF004 Vargas, campo religioso brasileiro e identidade nacional – Prof. Dr. Artur Cesar Isaia – UFSC – sala 1C111

19h45min às 21h15min – O modelo econômico da Era Vargas: impactos na sociedade brasileira - Prof. Dr. Pedro Dutra Fonseca – UFRGS

Coordenadora da mesa: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Berenice Corsetti - Unisinos

21h15min às 22h - Debate

#### **25 de agosto**

9h às 10h15min – O Movimento Operário na Era Vargas: o movimento sindical, as greves e os partidos políticos – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana - UNIRIO

Coordenador da mesa – Prof. Dr. Inácio Neutzling - Unisinos

10h30min às 11h30min - Debate

14h às 15h30min – Depoimentos

Coordenador da mesa: Prof. MS Laurício Neumann - Unisinos

14h às 14h30min - Lauro Hagemann

14h30min às 15h - João Aveline

15h às 15h30min - Debate



16h às 17h – Conferência: Getúlio Vargas e a revolução brasileira – Prof. Dr. Gilberto Vasconcellos - UFJF

Coordenador da mesa: Prof. Dr. Nilton Mullet Pereira - Unisinos

17h às 17h45min – Debate

20h às 21h15min - Conferência: A importância de Getúlio Vargas na história da política brasileira - Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maria Victoria de Mesquita Benevides - USP (a confirmar).

Coordenador da mesa: Prof. Dr. Werner Altmann - Unisinos

21h15min às 22h – Debate

## Simpósio Internacional Terra habitável

Celebrando a memória do centenário do nascimento de Balduino Rambo (1905-2005), do cinquentenário da morte de Teilhard de Chardin e o centenário do *annus mirabilis* de Einstein, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU - está organizando o **Simpósio Internacional Terra Habitável: Um desafio para a humanidade**. O Simpósio realizar-se-á de 16 a 19 de maio de 2005, na Unisinos. O objetivo geral do evento é “Discutir alternativas, para que o ser humano e as instituições possam tornar o planeta Terra mais habitável, sob uma visão transdisciplinar da economia, da física, da ecologia e da teologia”.

Os objetivos específicos são os seguintes:

- 1.- Descrever os desafios que o ecossistema global representa para o pensamento econômico e o social contemporâneo; Refletir sobre a teoria da complexidade que, nos últimos cem anos, emergiu das ciências físicas;
- 2.- Analisar a possibilidade de uma ética universal que privilegie a relação do ser humano com o planeta Terra;
- 3.- Apontar os limites e as possibilidades do desenvolvimento sustentável;
- 4.- Aprofundar a reflexão sobre os questionamentos que emergem de uma abordagem multidisciplinar do planeta Terra para as ciências da vida e do social;
- 5.- Refletir eco-teologicamente sobre a contribuição que as grandes religiões da humanidade podem dar para uma epistemologia e antropologia da complexidade.

O evento está sendo coordenado por uma comissão constituída pelos professores da Unisinos Berenice Corsetti, Dáris Corbellini, Fernando Althoff, Haide Hupffer, Inácio Neutzling, José Ivo Follmann, José Luiz Bica de Melo, José Roque Junges, Laurício Neumann, Rosa Maria Serra Bavaresco, Vera Lúcia de Vargas, e Vera Regina Schmitz e pelo padre João Geraldo Kolling do Centro de Espiritualidade Cristo Rei (CECREI).

O Simpósio ainda conta com um conselho técnico-científico, do qual fazem parte os professores da Unisinos Luiz Paulo Bignetti, Carlos Roberto Sorensen Dutra da Fonseca, Gislene Maria da Silva Ganade, Marcelo Fernandes de Aquino, Paulo Henrique Dionísio, Fernando Althoff, Leonel Severo Rocha, e Vicente de Paulo Barretto.

São parceiros do evento o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores (CEPAT), de Curitiba, o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES), de Brasília, o Instituto Santo Inácio (ISI), de Minas Gerais, e o Centro Loyola de Fé e Cultura da PUC-Rio.

Os títulos das conferências já estão definidos. No dia 16 de maio será *O pensamento econômico contemporâneo. Novos desafios para a Terra e a humanidade*. No dia 17 de maio, ocorrerão as conferências *A vida do cosmos; O impacto humano sobre a vida do cosmos; e A vida da terra à luz da física. Os limites e as possibilidades de uma abordagem transdisciplinar*.

Já no dia 18 de maio serão realizadas as conferências com os títulos *Crescimento econômico e decrescimento. Os desafios da vida da terra para a economia contemporânea*; e *Sociedade Sustentável e Desenvolvimento Sustentável. Limites e possibilidades*.

As conferências a serem ministradas no dia 19 de maio serão *A Terra e a humanidade. Uma visão desde a astrofísica*; e *Por uma Terra habitável. Um desafio para as grandes tradições religiosas da humanidade*.

O evento ainda contará com oficinas e minicursos na parte da tarde e com outras atividades, como exposições, apresentações artísticas e visitas ao câmpus da Unisinos.

Para maiores informações escrever para [humanitas@poa.unisinos.br](mailto:humanitas@poa.unisinos.br)

## Edgar Morin. Um itinerário do seu pensamento

Foi lançado no dia 28 de junho de 2004, o n.º 18 dos **Cadernos IHU Idéias**, que tem como tema *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin*. O texto é da Prof.ª Dr.ª Maria da Conceição de Almeida, antropóloga, doutora em Ciências Sociais pela PUCSP e professora dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ela é também coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade e membro da Associação para o Pensamento Complexo dirigido por Edgar Morin. A autora, ao traçar um itinerário do pensamento de Edgar Morin, o faz considerando três cenários. No primeiro cenário, que ela denomina de “Um sujeito Mestiço”, faz considerações desde a sua origem, passando pela “obsessão pela reforma do pensamento”, faz alusão “às várias contingências psico-afetivas” da vida de Edgar Morin, presentes em sua obra, chegando às “matrizes que constroem as condições biantropológicas do conhecimento e da cultura”. “O artesão do Conhecimento complexo” constitui-se no segundo cenário proposto por Morin. Finalmente, o terceiro cenário enfoca a educação na dimensão da complexidade em que faz uma síntese dos “múltiplos princípios” que a embasam.

Os **Cadernos IHU Idéias**, publicados pelo Instituto Humanitas Unisinos, foram lançados em junho de 2003. Após um ano, foi publicado, em média, mais de um caderno por mês. Todos os números da publicação podem ser adquiridos na Livraria Cultural, que fica ao lado do IHU e/ou através do e-mail [humanitas@poa.unisinos.br](mailto:humanitas@poa.unisinos.br)

## Gilberto Freyre: da Casa-grande ao Sobrado

O **Cadernos IHU** n.º 6 já está à disposição dos interessados na Livraria Cultural da Unisinos. O título do texto, escrito por Mário Maestri, é ***Gilberto Freyre: da Casa-grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas considerações***. O autor é doutor em história pela Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica, e professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo. O texto se divide em duas grandes partes: 1.- Casa-Grande & Senzala: A formação do patriarcalismo brasileiro; 2.- Sobrados e Mucambos: A dissolução do patriarcalismo brasileiro. O artigo faz uma análise profunda das obras do sociólogo Gilberto Freyre: ***Casa Grande & Senzala*** e ***Sobrados e Mucambos***. A revolução conservadora da Casa-grande, Cultura, Meio e Raça: a invenção do português (o super-homem lusitano, do índio (o supermacho português), do judeu (socialismo dos bobos), do negro (genocídio americano) e do brasileiro (doce escravidão) são alguns dos subtítulos desse caderno que discute também a Revolução das Ciências Sociais. O artigo foi apresentado pelo Prof. Dr. Mário Maestri no ***II Ciclo de Estudos sobre o Brasil***, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos no primeiro semestre desse ano. O primeiro número dos

**Cadernos IHU** foi lançado em janeiro de 2004. Além dos **Cadernos IHU**, o Instituto Humanitas Unisinos publica semanalmente o boletim **IHU On-Line**, os **Cadernos IHU Idéias** e **Multitextos**. Proximamente, será lançada mais uma publicação: **Cadernos Teologia Pública**.

## Eugen Drewermann em São Leopoldo

O 3º Simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral da Escola Superior de Teologia (RS) trará a São Leopoldo, de 5 a 7 de julho, o renomado pacifista, teólogo e terapeuta alemão Dr. Eugen Drewermann. O Simpósio tem como eixo de debates quatro faces do cuidado: a Ética do cuidado, a pastoral do cuidado, psicologia e cuidado e educação e cuidado.

Eugen Drewermann é um dos pensadores mais importantes e controvertidos da Europa na atualidade. Suas publicações e palestras têm atraído milhares de pessoas que se sentem tocadas pela sua forma criativa e profunda de relacionar a mensagem cristã com as perguntas e angústias da alma humana e com a crise moral e ética do mundo ocidental. No Simpósio, Drewermann dará conferências sobre *Cura e salvação: a dimensão terapêutica do cristianismo*; *Angústia e liberdade: a ambivalência fundamental do ser humano*; e *Racionalidade e mística cristã: uma relação conflituosa*. Haverá também sessões de debates com o conferencista, das quais participarão, entre outros, Donaldo Schüller (professor e escritor), Juan Guillermo Droguett, (psicanalista e escritor - UNIP, São Paulo), Everton Bootz, (professor de Teologia na Costa Rica).

No dia 5, será lançado o livro de Drewermann **Religião para quê? - buscando sentido numa época de ganância e de sede de poder**, e no dia 7, à noite, o autor dará conferência no Instituto Goethe, em Porto Alegre, sobre o polêmico tema *Pacifismo em tempos de terrorismo: guerra é doença, não solução*.

O Simpósio de Aconselhamento da EST é dirigido a profissionais da área da saúde, psicólogos, filósofos, assistentes sociais, educadores, pastores, religiosos, estudantes da graduação e pós-graduação das ciências humanas e demais pessoas interessadas. Os participantes também são convidados a apresentar trabalhos na área do cuidado, para o momento das comunicações, cujas normas de inscrição se encontram no site [www.est.com.br/llsapp/trabalhos.html](http://www.est.com.br/llsapp/trabalhos.html). As inscrições para o Simpósio devem ser feitas até 30 de junho, pelo telefone (51) 590 1455, ramal 254, ou pelos e-mails [cuidado@est.com.br](mailto:cuidado@est.com.br) e [latosensu@est.com.br](mailto:latosensu@est.com.br). O valor da inscrição é de R\$ 80,00 para profissionais, R\$ 50,00 para membros da ABAC e CPPC, R\$ 25,00 para estudantes de pós-graduação e R\$ 10,00 para estudantes da graduação. Mais informações podem ser obtidas nos sites [www.est.com.br](http://www.est.com.br) e [www.est.com.br/profs/sidnoe](http://www.est.com.br/profs/sidnoe).

## IHU REPÓRTER

### Janáina Ruffoni Trez

A professora e coordenadora do curso de Ciências Econômicas da Unisinos, Janáina Ruffoni Trez, se diz recompensada pela atividade que desenvolve. Mas ela tem uma meta definida: ser pesquisadora em uma área específica e produzir resultados relevantes. Na conversa informal que teve com a redação do **IHU On-Line**, ela relatou as experiências vividas e as preferências que definem sua personalidade.



**Origens** - Nasci em Porto Alegre, em 1974. Tenho uma irmã mais velha e um irmão menor, que chamamos de "rapa de tacho", porque ele é 11 anos mais moço do que eu. Moro em Porto Alegre desde que nasci. Sempre tive em casa muito estímulo para estudar, porque meus pais têm formação de terceiro grau. O pai é engenheiro mecânico e a mãe é dentista na área da pediatria. Eles sempre valorizaram a questão do estudo, de termos uma profissão e sermos independentes. Para meus pais foi mais difícil o acesso a um nível superior. A universidade era um diferencial muito grande na época deles, o que, na minha geração, era o mínimo necessário. Talvez pelo fato de que, para eles, tenha sido difícil é houve tanto estímulo para que os filhos conquistassem o diploma universitário. Minha irmã é psicóloga formada pela Unisinos, e meu irmão faz Educação Física na PUC.

**Formação** - Desde o maternal e todo o primeiro e segundo grau, estudei no Colégio Cruzeiro do Sul, uma escola particular adventista, que fica na zona sul de Porto Alegre. Assim que concluí o segundo grau, fiz vestibular para Economia na UFRGS. Passei e comecei a estudar, gostando muito da área, desde o início. Eu sempre tive muita vontade de entender questões que, para a maioria das pessoas, eram consideradas complexas.. Eu escutava ministros e economistas falando e achava aquela linguagem interessante. Por trás de tudo isso, eu também queria entender a forma de o homem buscar e construir a sua riqueza e como isso se explica por uma ciência. Isso me estimulou muito para buscar essa formação. Formei-me em 1996, depois de 4 anos e meio de curso. Nessa época, eu era bolsista de um projeto de pesquisa. Tive a oportunidade e ingressei no mestrado em Administração da UFRGS, em março de 1997. Em setembro de 1999, defendi a dissertação. Como pretendo seguir a carreira de pesquisadora, o processo de doutoramento é um passo essencial. Isso está nos meus projetos, mais ainda não imagino quando será feito.

**Profissão** - Durante a graduação, estagiei na empresa do meu avô, onde meu pai trabalha, que é uma empresa de autopeças, em Alvorada. Depois disso, trabalhei na empresa júnior que havia na UFRGS. Em seguida, comecei como monitora e bolsista de iniciação científica e despertei para o lado acadêmico. Durante o mestrado, comecei a dar aula nas Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis, em Canoas. Era professora de Economia para os alunos do curso de Direito. Nesse meio tempo, passei em uma seleção para professora substituta na UFRGS, onde trabalhei durante um semestre. Foi uma experiência interessante no sentido de perceber e analisar as diferenças entre alunos de instituições privada e pública. Já com a dissertação defendida, comecei a procurar algumas universidades na região. Eu pretendia encontrar uma única instituição para a qual eu pudesse me dedicar com exclusividade. A Unisinos se mostrou a universidade que mais correspondia ao tipo de carreira que eu imaginava, com oportunidade de pesquisa inclusive para professores mestres. Fiz concurso e ingressei aqui no início de 2000.

**Coordenação de curso** - No primeiro semestre de 2003, fui convidada a assumir a coordenação do curso de Ciências Econômicas. Está sendo uma experiência muito gratificante. Como professora, há uma preocupação muito centrada com a disciplina ministrada. Como coordenadora, há uma preocupação de compartilhar as necessidades de todos os professores em todas disciplinas do curso. É um trabalho de harmonização para que o curso esteja bem estruturado. Já os alunos nos procuram com diferentes demandas, e é preciso saber lidar com elas, estabelecendo os devidos limites dentro da estrutura institucional. É uma experiência imensurável.

**Casamento** - Em 1998, comecei a namorar o Guilherme e, em 2000, nós resolvemos casar. Fizemos tudo ao contrário. Primeiro fomos morar juntos, depois fomos para a lua-de-mel e então formalizamos o casamento. Eu e Guilherme nos conhecemos no mestrado em Administração, na UFRGS. Ele também é professor na Unisinos e é coordenador do curso de Administração de Empresas. Ainda não temos filhos, mas eles estão nos planos futuros. Hoje as prioridades do casal são profissionais.

**Autor** - Joseph Schumpeter, um autor específico da área de economia industrial. Na área não técnica, cito um autor sul-africano, que ganhou um prêmio nobel de literatura, que é o J.M. Coetzee. Ler os livros desse autor é uma forma de compreender a cultura desse continente que conheço tão pouco.

**Livro - *As Correções***, de Jonathan Franzen, um autor norte-americano, considerado um dos autores jovens de maior sucesso na literatura norte-americana.

**Filme - *Encontros e Desencontros***, de Sofia Coppola, que achei bárbaro e recomendo para todo o mundo.

**Um presente** - Livros.

**Nas horas livres** - Gosto muito de ver filmes e ler revistas, jornais, de cultura geral.

**Meta profissional** - Quero me desenvolver como pesquisadora e ter um reconhecimento nessa atividade, em uma área específica de estudo, onde eu possa desenvolver trabalhos gratificantes.

**Experiência marcante** - Vivi uma experiência triste e marcante, quando minha mãe descobriu que tinha câncer. Ela fez cirurgia e depois tratamento. Foi um momento muito difícil para a família, porque nós sempre fomos muito unidos. Eu era adolescente ainda e tive que despertar para uma vida mais adulta. Foi um choque de realidade. Minha mãe se curou depois do tratamento e hoje está bem. Por mais triste que tenha sido, me lembro disso de uma forma positiva, porque superamos o processo.

**Entraves na Economia hoje** - Acho fundamental que a sociedade em geral compreenda melhor os processos da área de Economia. Essa é uma função nossa, dos economistas, de tornar isso mais acessível à comunidade. Acho que ainda não desempenhamos muito bem esse papel. Existe uma linguagem, que chamamos de “*economês*”, que, às vezes, dificulta esse processo. A Economia na academia tem como função tornar essa área de conhecimento mais acessível a todos.

**Unisinos** - A Unisinos atualmente vem passando por mudanças bastante significativas que impactam na vida pessoal e profissional das pessoas. Ela é uma universidade de qualidade reconhecida pela sociedade e que tem condições de manter isso. Talvez tenha que fazer opções mais direcionadas para esse objetivo.

**IHU** - É um mecanismo da academia de mostrar sua produção acadêmica, mostrar as pessoas que trabalham na Instituição. Não participo tanto das atividades promovidas pelo IHU quanto eu gostaria, porque o dia-a-dia não permite. Acho que, através do Instituto Humanitas, é possível

promover uma maior relação entre as áreas de conhecimento da Universidade. Percebo um foco muito grande na questão das ciências sociais, na área de conhecimento das ciências humanas, o que é natural, porque o IHU cresceu dentro desse contexto. Mas acho que ele poderia responder mais aos seus objetivos se existisse uma interação maior entre as áreas do conhecimento.

## Sala de Leitura



"Continuando minha 'busca do entendimento das coisas', tenho me dedicado a temas relacionados aos avanços dos estudos em neurociências e suas conseqüências para uma melhor compreensão do comportamento humano. Estou lendo **Tipos de Mentes**, do filósofo e cientista cognitivo Daniel C. Dennett, Ed. Rocco, Lisboa. 2001. 201 p. O autor discute como compreender os diferentes tipos de mentes. Apresenta a mente humana como uma mente capaz de criar o futuro, distinguindo-nos assim das 'macromoléculas primitivas', e capaz de conduzir melhor o grande projeto humano de autocompreensão e de compreensão do mundo. Nesse contexto, uma mente é 'uma entidade que antecipa, um gerador de expectativas. Sonda o presente em busca de pistas, que refina com a ajuda de materiais que guardou do passado...E assim age...' O homem necessitou incorporar em seu processo evolutivo uma mente mais rápida e eficaz, capaz de ver mais longe e de criar mais e melhor o futuro, envolvendo-se em compromissos mais sofisticados com o mundo, livrando-nos da simples intencionalidade de pequeno alcance e de enganos fáceis, comuns nas mentes primitivas, "fundadas nos corpos" e que, afinal, foram eficazes em manter a integridade da vida durante milhares de milhões de anos. Enfim, possuímos uma mente capaz de ampliar plenamente nosso discernimento sobre o mundo, dependendo de como a utilizamos".

*Prof. Dr. Antônio Jorge Vasconcellos Garcia, mestre, doutor e pós-doutor em Geociências, e professor no PPG em Geologia da Unisinos.*



"Detenho-me, atualmente, na leitura de **Era dos Extremos: O Breve Século XX 1914-1991**, de Eric Hobsbawm. Tradução de Marco Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2.ed., 27. reimpressão, 1995. 581 páginas. A obra é o testemunho de Eric Hobsbawm sobre o século XX. Um clássico erudito que escreve da mesma maneira agradável sobre máfia, jazz, rebeldes africanos, política ou economia. O autor vê o século marcado por duas grandes eras. A primeira é a da "catástrofe" (de 1914 a 1948), marcada pelas duas grandes guerras, pelas ondas de revolução global em que o sistema político e econômico da URSS surgia como alternativa histórica para o capitalismo e pela virulência da crise econômica de 1929. Também nesse período, os fascismos e o descrédito das democracias liberais surgem como proposta mundial. A segunda é a era de ouro (de 1949 a 1973), os chamados anos dourados que, em sua paz congelada, viram a viabilização e a estabilização do capitalismo, responsável pela promoção de uma extraordinária expansão econômica e de profundas transformações sociais. Na última parte do livro, o autor aborda o 'desmoronamento' final (entre 1970 e 1991). Eis o século XX, nele mataram-se mais seres humanos do que em qualquer outra época e nele se chegou a níveis de bem-estar e a transformações jamais vistas na experiência humana. Hobsbawm conta isso com elegante erudição. Como bem retrata Elio Gaspari, 'ele tem a mágica de Fred Astaire'. É uma ótima leitura".

*Prof.ª Dr.ª Adriana Schlabendorff, graduada e doutora em Direito, e professora nas Ciências Jurídicas da Unisinos.*



**João Leopoldo, 5 de julho de 2004**

"Estou lendo **A Reinvenção do Mundo**, de Jean-Claude Guillebaud. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 200. 377 páginas. O livro aborda a temática da atual crise da civilização ocidental, discutindo seus fundamentos e a necessária reinvenção de um projeto de humanidade, capaz de conciliar as diferenças na perspectiva do viver juntos e em paz. Uma questão central que o livro discute é sobre a legitimidade da cultura ocidental em matéria de direito, igualdade, justiça e liberdade em um mundo globalizado, multicultural e complexo? Diante dos pilares que deram origem à civilização ocidental cristã (o judaísmo, o pensamento grego e o cristianismo), quais são as alternativas para refundamentar e reinventar as bases da cultura contemporânea, que reproduz uma racionalidade instrumentalizadora e opressora da existência humana? É um livro polêmico e questionador que nos faz repensar a modernidade sem cair em posições extremas sobre a mesma - de total renúncia ou adesão condicional. Nesse sentido, é um texto que nos provoca pensar que o futuro é um desafio a ser construído e que o mundo não é uma herança, mas uma criação ou invenção".

*Prof. Dr. Jaime José Zitkoski, graduado e mestre em Filosofia, doutor em Educação e professor do PPG em Educação da Unisinos.*

## Cartas do leitor

Parabênização!

Escrevo só para dizer que o **IHU On-Line** sempre terá nota 10, por tudo, pelo conteúdo, pela qualidade. Sinto-me gratificado de receber os boletins, e muito feliz de participar.

**Gilson Lemos**

Prezados:

Estou ainda sob o impacto do simpósio ocorrido em maio. Tenho recebido as revistas **IHU On-Line**, e ainda procurado ler as anteriores. Estou realmente impressionado pelo brilhantismo do trabalho de vocês. Não apenas vocês estão de parabéns, mas todo corpo acadêmico brasileiro que quer fazer uma ciência humana séria. Tenho falado aos nossos alunos sobre a página online.

**Rev. Silas Barbosa Dias**

**Coordenador do Curso de Teologia da UniFil**

**Londrina - PR**

Quero registrar minha alegria por ver o n.º 107 do **IHU On-Line** tão bom, com tantas contribuições sobre essa personagem (Leonel Brizola) política de nossa História. Sobretudo para nós que trabalhamos sobre o tema, esse n.º é uma fonte muito legal e um verdadeiro documento histórico. Parabéns!!!"

**Berenice Corsetti, professora e pesquisadora do PPG em Educação da Unisinos.**

A próxima edição de **IHU On-Line** circulará no dia 2 de agosto de 2004, após o recesso acadêmico.

**EXPEDIENTE:**

*IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Coordenadora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montaña (soniam@bage.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: [ihuinfo@poa.unisinos.br](mailto:ihuinfo@poa.unisinos.br) . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: [humanitas@poa.unisinos.br](mailto:humanitas@poa.unisinos.br) . Ramais: 1173 e 1195.*



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS